



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

A SUNSHINE POLICY NA COREIA DO SUL
O IMPACTO DA POLÍTICA DE UNIFICAÇÃO DE MOON JAE IN E OS
JOGOS OLÍMPICOS DE PYEONGCHANG (2017 – 2018)

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Estudos Asiáticos

Por

Bárbara Margarida Antunes Marques

Faculdade de Ciências Humanas

Novembro, 2020



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

A SUNSHINE POLICY NA COREIA DO SUL
O IMPACTO DA POLÍTICA DE UNIFICAÇÃO DE MOON JAE IN E OS JOGOS
OLÍMPICOS DE PYEONGCHANG (2017 – 2018)

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de mestre em Estudos Asiáticos

Por

Bárbara Margarida Antunes Marques

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Prof. Doutor Jorge Santos Alves

Co-orientado por Prof. Doutor Luís Mah

Novembro, 2020

Resumo

A *Sunshine Policy* é uma das políticas de unificação sul-coreanas que desde há 22 anos, com o apoio dos instrumentos de *soft power* no desporto, tenta promover o desejo de unificação nacional com base na identidade étnica da lenda *Hongik Ingan*.

Nesta dissertação analisamos, a partir da presidência de Moon Jae In (2017 – presente), como é que foi expressa a sua política de unificação nacional, ao recorrer à construção de possibilidades de unificação em dois momentos dos Jogos Olímpicos de PyeongChang: 1) a cerimónia de inauguração dos Jogos; 2) a equipa feminina de hóquei no gelo constituída por atletas da Coreia do Norte e da Coreia do Sul.

Na Coreia do Sul, a vontade de unificar a Península Coreana tem vindo a alterar-se nos últimos 10 anos, principalmente nas gerações mais jovens. De acordo com os dados quantificados pelo *Korea Institute for National Unification* em 2017, 57.8% dos inquiridos responderam que apoiava a unificação da Península Coreana (Lee, 2019c). Perante esta realidade, qual o impacto da política de unificação nacional de Moon Jae In junto da sociedade sul-coreana? A presidência de Moon Jae In preocupou-se com a criação de uma imagem reconciliatória com a Coreia do Norte e com a propaganda política no desporto, com a ideia de que a unificação da Península é possível, assim como é possível coexistir pacificamente com a Coreia do Norte.

De que forma é que a organização dos Jogos Olímpicos de Inverno em PyeongChang influenciou a posição da sociedade sul-coreana face a uma potencial reunificação entre as duas Coreias? De acordo com o estudo do canal de televisão sul-coreano SBS, 72.2% dos inquiridos rejeitavam a inclusão da Coreia do Norte na equipa feminina de hóquei no gelo (Kim, 2018f). Observar-se-á que a vontade de unificação nacional tem vindo a diminuir na sociedade sul-coreana, principalmente quando esta é associada à identidade étnica.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos de PyeongChang; unificação nacional; *Sunshine Policy*; instrumentos de *soft power*.

Abstract

The Sunshine Policy is one of the South Korean unification policies that, with the support of soft power instruments in sport for 22 years, tries to promote the hope for national unification based on the ethnic identity of the legend Hongik Ingan.

From the President Moon Jae In mandate (2017 – present), we analyze how his national unification policy was expressed with the support of the constructions of unification possibilities during two moments of the PyeongChang Olympic Games: 1) the opening ceremony of the Games; 2) the ice hockey team with athletes from both Koreas.

In the last 10 years, in South Korea, the need for the unification is changing, especially in younger generations. According to the Korea Institute for National Unification in 2017, 57.8% of respondents supported unification of the Korean Peninsula (Lee, 2019c). Given this reality, what is the impact of Moon Jae In's national unification policy in South Korean society? Moon Jae In's presidency tried to create a reconciliation image with North Korea and, with the support of politic propaganda in sports, tried to send two messages: the unification is possible and both Koreas can coexist peacefully.

How did the organization of the Winter Olympics in PyeongChang influence the position of South Korean society in the face of a potential reunification between the two Koreas? According to a poll of SBS, South Korea TV station, 72.2% rejected a joint coalition ice hockey team with North Korea (Kim, 2018f). In this thesis, it is noted that the desire for national unification has been decreasing in South Korean society, especially when it is associated with ethnic identity.

Key words: PyeongChang Olympic Games; national unification; Sunshine Policy; soft power instruments.

Dedicatória

Esta tese é dedicada aos meus avós, Rosário Marques e Victor Marques.

Agradecimentos

A escrita desta dissertação foi possível devido ao apoio do Professor e Orientador Jorge Santos Alves, e do Professor e Co-orientador Luís Mah, que desde a escolha do tema mostraram interesse em ajudar-me na concretização deste trabalho. Agradeço ao professor Jorge Santos Alves por acompanhar o meu percurso académico ao longo do mestrado e acreditar no meu valor. Estou igualmente grata ao professor Luís Mah pela sua disponibilidade durante a redação e investigação desta dissertação. Os seus conhecimentos sobre a situação política da Península Coreana foram importantes. Sem ele, não seria possível concluir esta dissertação.

Agradeço especialmente o apoio académico e amigo das professoras do Mestrado em Estudos Asiáticos, Beatriz Puertas Hernández, Zhou Shenglan e Tânia Ganito.

Durante a escrita da dissertação a disponibilidade das professoras Chue Eun Jung e Kim Young Sun, do *King Sejong Lisbon Institute* (KSLI), foi importante para a tradução dos termos coreanos e para a minha aprendizagem da cultura coreana. Estou igualmente grata ao Professor Kang do KSLI, pela recomendação do mapa sobre a Península Coreana.

No início da escrita do projeto de trabalho, algumas leituras e plataformas sul-coreanas de pesquisa académica sugeridas pela Professora Lee Kyu da Universidade St. Lawrence ajudaram-me na investigação do meu trabalho.

Aos meus amigos e colegas de Mestrado em Estudos Asiáticos, obrigada pela vossa força. Principalmente à Sofia Baptista e Sílvia Carvalho, obrigada pela vossa ajuda nas revisões da dissertação. À Sarah de Oliveira e Leonor Lopes, estou grata por estarem presentes nos bons e maus momentos durante o mestrado. Estou igualmente agradecida pela vossa tutoria durante a minha aprendizagem do mandarim no primeiro ano do mestrado. Agradeço também a força amiga das colegas Maria Lino e Kim Young Sun.

Finalmente, obrigada à minha família, em especial aos meus avós, pais e irmã, que apoiaram sempre as minhas decisões profissionais e académicas.

Índice

Resumo	3
Abstract.....	4
Dedicatória	5
Agradecimentos.....	6
Índice	7
Regras de romanização do coreano	9
Introdução.....	10
Capítulo 1 – Estado da arte: Origens e Evolução da Política de Unificação Nacional para a Península Coreana – breve resenha	15
1.1 As origens intelectuais da <i>Sunshine Policy</i> : o Movimento <i>Minjung</i>	16
1.2 Conceito de unificação	20
1.3 A Influência da Opinião Pública Sul-Coreana na Política de Unificação Nacional.....	24
1.4 Analisar a Política de Unificação Nacional Coreana à luz do Construtivismo Social ..	27
Capítulo 2 – Em contagem decrescente? O desejo de unificação na sociedade sul-coreana	33
2.1 A Política de Unificação Nacional da Presidência Moon Jae In (Maio 2017 – presente)	33
2.2 A opinião pública sobre a unificação nacional (2008 – 2017)	36
Capítulo 3 – O desaparecimento da divisão nacional: o “termómetro” de unificação nos Jogos Olímpicos de PyeongChang	42
3.1 Uma Península Azul	45
3.2 A representação da Nação coreana na equipa de hóquei.....	50
Conclusão	56
Índice de figuras	58
Índice de gráficos e tabelas.....	58
Bibliografia.....	59

Vídeografia	65
Lista de Fotografias	67
Lista de Mapas.....	67
Anexos.....	68
Anexo A. Mapa da Península Coreana.....	68
Anexo B. Mapa da Dinastia Joseon (1392 – 1910).....	69
Anexo C. Mapa da Ásia Oriental	70
Anexo D. Quadro 1 – As políticas de unificação na Península Coreana (1998 – presente)	71
Anexo E. Quadro 2 – A adaptação das políticas de unificação dos “Presidentes <i>Sunshine</i> ”: Kim Dae Jung, Roh Moo Hyun e Moon Jae In.	71

Regras de romanização do coreano

Os nomes dos Presidentes coreanos, figuras políticas importantes, líderes norte-coreanos e autores são romanizados de acordo com a forma generalizada dos artigos e publicações académicas em inglês, para ser mais fácil a sua leitura e identificação. Por exemplo, o caso do nome em *hangul* do primeiro Presidente sul-coreano 이승만 (Rhee Syngman). Em inglês ficaria Rhee Syngman, mas ao aplicar a regra da romanização do Instituto Nacional de Língua Coreana, revista em 2000, o nome ficaria Lee Seungman. O mesmo acontece com o nome do atual Presidente norte-coreano 김정은 (Kim Jong Un). A tendência é para ser romanizado como Kim Jong Un em vez de Kim Jeong Eun. Relativamente aos termos políticos, nomes das políticas de unificação e outros termos coreanos, aplicamos as regras de romanização recomendadas pelo Instituto Nacional de Língua Coreana para a tradução¹.

¹ Estudo coreano há 2 anos. Em 2018, comecei no centro ILNOVA na FCSH e em 2019 ingressei no Instituto King Sejong em Lisboa (KSLI), onde me encontro neste momento a frequentar o nível 4. Agradeço a ajuda da Professora Chue Eun Jung e Kim Young Sun, do KSLI, com os termos e traduções em coreano.

Introdução

O tema desta dissertação é a unificação das Coreias. Durante a investigação deparámo-nos com a análise do desporto como um instrumento de *soft power*, manipulado pelos governos para transmitir a mensagem política de unificação da Península Coreana, ser pouco explorada na Área de Estudos Asiáticos. O impacto que estes instrumentos têm na sociedade também foi outro fator pouco desenvolvido nesta área disciplinar. Nos Estudos Asiáticos, a maioria das publicações académicas foca-se na representação da unificação nas produções socioculturais, como os filmes, os dramas televisivos (Joinau, 2015; Delissen, 2015; Epstein, 2009; Flamm, 2018). A investigação contribui para a evolução do conhecimento académico em Portugal porque explora estes aspetos, apoiando-se nas Áreas disciplinares de Estudos Asiáticos, no qual também se inserem os Estudos Coreanos, e Relações Internacionais.

Focamo-nos na política de unificação para a Península Coreana da atual presidência de Moon Jae In (2017 – 2022). A nossa análise centra-se nos instrumentos de *soft power* desenvolvidos pela presidência sul-coreana, com o objetivo de construir uma potencial imagem sobre o que poderia ser a unificação das Coreias. Como Joseph Nye defende, por *soft power* entende-se um meio de apresentar o que “eu quero” sob formas que não são tangíveis à força física, por exemplo através da arte ou cultura (Nye, 2004). No desporto, o *soft power* funciona como um instrumento que atrai as pessoas e promove o consenso mútuo, a compreensão do “Outro” (Yu, 2014). Na Coreia do Sul, o uso do desporto como instrumento de *soft power* foi controlado pelo poder político. Focamo-nos na atual presidência de Moon Jae In, com o propósito de explorar o impacto destes instrumentos de *soft power* junto da sociedade sul-coreana de forma a promover a política de unificação nacional de Moon Jae In para a Coreia do Norte: *munjaeinei hanbando jeongchaek* [문재인의 한반도정책]². Pretendemos igualmente analisar de que forma a opinião pública tem influenciado (ou não) a direção da política de unificação nacional.

A política do Presidente Moon é a continuação da *Sunshine Policy* ou *Haetbyeot jeongchaek* [햇볕 정책]³, que esteve ativa na Coreia do Sul durante dez anos, nos governos progressistas de Kim Dae Jung (1998 – 2003) e Roh Moo Hyun (2003 – 2008). Kim Dae Jung baseou-se na fábula de Esopo, sobre o vento do Norte e o Sol, como uma metáfora para

² Nome oficial coreano. Em português traduz-se para Política de Unificação de Moon Jae In para a Coreia do Norte.

³ O título oficial é a Política de Reconciliação e Cooperação com a Coreia do Norte, em coreano escreve-se *Daebuk hwahae hyeomnyeok jeongchaek* [대북 화해 협력 정책].

caracterizar a abordagem diplomática de aproximação gradual com a Coreia do Norte, na altura liderado por Kim Il Sung (Moon, 2012a). A fábula conta a disputa entre o Vento do Norte e o Sol, que pretendem saber quem é o mais forte. Assim, este desafio é praticado durante o percurso de um viajante. A intensidade fria e brusca do vento não consegue retirar as roupas do viajante, ao contrário da intensidade gradual dos raios do Sol. O nome *Sunshine*, em coreano escreve-se *haetbyeot* [햇볕], deriva desta fábula (Moon, 2012a).

Os governos sul-coreanos utilizam vários instrumentos de *soft power* destinados a promover o consenso na sociedade face a esta política de unificação nacional. No caso da presidência de Moon Jae In (2017 – presente), focalizamo-nos no uso de uma produção sociocultural como instrumento de *soft power*: os Jogos Olímpicos de Inverno de 2018 em PyeongChang. Durante este evento, dois episódios destacaram-se pelo seu simbolismo: o desfile em conjunto das duas Coreias, como se fossem já um país unificado, durante a cerimónia de abertura e a formação da equipa feminina de hóquei no gelo com jogadoras sul e norte-coreanas. As perguntas de partida que guiam a investigação são:

- 1) Qual o impacto da política de unificação nacional de Moon Jae In junto da sociedade sul-coreana?
- 2) De que forma é que a organização dos Jogos Olímpicos de Inverno em PyeongChang influenciou a posição da sociedade sul-coreana face a uma potencial reunificação entre as duas Coreias?

Apoiámo-nos na teoria Construtivista, particularmente no Construtivismo social, para analisar a estratégia da presidência de Moon Jae In de utilização dos Jogos Olímpicos de modo a ajudar a construir uma imagem positiva da unificação nacional, alterando as perceções negativas associadas à Coreia do Norte e assim promover uma possível reconciliação entre as Coreias. À luz do Construtivismo social, o *soft power* no desporto foi a ferramenta que permitiu a presidência de Moon passar a mensagem de forma “pacífica” de que a unificação da Península Coreana é possível.

De forma a responder às perguntas de partida, guiámos a nossa investigação por análises qualitativas e quantitativas. A estratégia metodológica mista envolve as duas componentes, que estão interligadas.

Na resposta à primeira pergunta de investigação foi utilizada metodologia qualitativa através da análise textual e visual. Durante o processo de preparação dos Jogos Olímpicos analisamos como o governo de Moon tentou construir uma ideia e imagem do que seria uma

potencial unificação da Península Coreana. Com o apoio da literacia visual e da teoria Construtivista social, é feita a interpretação de duas fotografias que marcaram os Jogos Olímpicos de PyeongChang: uma da entrada em conjunto das duas comitivas coreanas na cerimónia inaugural e outra da equipa feminina de hóquei no gelo. Encaramos o conteúdo fotográfico como um conceito em curso gerado pelos “Presidentes *Sunshine*”, em torno da promoção do desejo de unificação das Coreias na sociedade.

Na metodologia quantitativa, recorreremos a duas alíneas do questionário do *Korea Institute for National Unification* para justificar a campanha do governo de Moon perante a visão da sociedade sul-coreana sobre a unificação da Península Coreana. O questionário foi publicado em 2019, posteriormente aos Jogos Olímpicos de PyeongChang, mas abrange resultados de outros inquéritos feitos pela mesma instituição em anos anteriores (Lee, 2019c)⁴. A primeira alínea é “*How much do you think the unification is necessary?*” (Lee, 2019c: 13). O espaço temporal usado nos resultados nesta alínea é de 2008 até 2017, de modo a compreender a evolução da opinião pública face à unificação das Coreias, após a cessação das primeiras “presidências *Sunshine*” e a entrada dos governos conservadores de Lee Myung Bak (2008 – 2013) e Park Geun Hye (2013 – 2017). Os dados empíricos desta alínea foram tratados pelo *Seoul National University* e pelo *Korea Institute for National Unification*.

A segunda alínea é “*Just because the two Koreas are one people does not necessarily make them one nation.*” (Lee, 2019c: 19). Nesta alínea o espaço temporal usado corresponde ao inquérito realizado em Março de 2017, antes da eleição do Presidente Moon. Escrutinamos os resultados por faixas etárias compreendidas entre os 20 anos e os maiores de 60 anos. Recorreu-se a métodos quantitativos, pois permitiu testar na realidade sul-coreana a primeira pergunta de partida da dissertação (Opoku, 2016). Note-se que o questionário captura apenas uma fração da população sobre o tema da unificação das Coreias. Este questionário permitiu substituir a ausência de ir diretamente à Coreia do Sul.

Para responder à segunda pergunta foi utilizada a metodologia qualitativa, que consiste na avaliação da reação da sociedade sul-coreana aos dois momentos registados nas fotografias. A partir de um artigo do jornal sul-coreano, o *Korea Herald* (versão inglesa), analisamos a reação ao momento registado na fotografia da cerimónia inaugural. O artigo

⁴ Usamos a versão coreana traduzida para inglês. O questionário realizado em abril de 2019 tem 95% de nível de confiança. A amostra dos inquiridos é de 1003. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente por género, idade e localidade.

foi publicado no dia da inauguração dos Jogos Olímpicos de PyeongChang (9 de Fevereiro de 2018) e é composto por duas partes. Na primeira parte apresenta-se uma sondagem feita por uma parceria entre o *Real Meter* e a cadeia de rádio TBS a 500 pessoas de diferentes faixas etárias (acima dos 19 anos). A segunda parte do artigo é composta por entrevistas feitas pelo jornal *Korea Herald*, a pessoas de diferentes faixas etárias e ocupação laboral (Sohn, 2018). De modo a analisar a reação da opinião pública face à formação da equipa feminina de hóquei no gelo usámos as reações momentâneas apuradas por um artigo do jornal sul-coreano *Korea Times*, publicado após a oficialização pública da formação da equipa (Kang, 2019c). Recorreu-se igualmente a outra alínea do questionário do *Korea Institute for National Unification*, “*We need to expand sports, culture and human exchanges with North Korea.*” (Lee, 2019c: 44). O período temporal utilizado é o ano 2017, anterior à eleição de Moon Jae In, e o tratamento dos dados foi contabilizado numa escala de 1 a 10, de não concordo para concordo muito. Através destes dados, o objetivo é perceber como era a opinião pública antes da realização de atividades socioculturais na presidência de Moon, que representavam uma possível unificação das Coreias.

Houve alguns fatores que limitaram a nossa investigação. Em primeiro lugar, a impossibilidade de realizar o trabalho de campo na Coreia do Sul devido à Covid-19. Em segundo lugar, o nível da língua sul-coreana por enquanto não nos permite a leitura de dissertações ou questionários anuais escritos em coreano pelo *Korea Institute for National Unification*. Bem como ainda não permite recorrer aos questionários das plataformas quantitativas sul-coreanas como o *Gallup* ou *Real Meter*, sobre a opinião pública face à unificação das Coreias e dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2018. Por outro lado, não explorámos em pormenor a avaliação empírica da opinião pública sobre os Jogos Olímpicos de Inverno, porque os dados encontrados durante a investigação provinham de jornais ingleses ou jornais sul-coreanos escritos em inglês (Rich, 2018; Virella, 2018; Park, 2018c). Estes não indicavam o número de inquiridos, as questões ou a percentagem de confiança, pelo que se optou por não seguir este caminho na dissertação.

A estrutura da dissertação engloba 3 capítulos. O primeiro capítulo é o Estado da Arte. Contextualizamos brevemente as políticas de unificação nacional da Península Coreana e as origens intelectuais da *Sunshine Policy*. Seguidamente, desenvolvemos a conceptualização teórica do termo unificação, identidade (étnica e cívica). Analisamos o impacto da opinião pública nos processos de decisão política e exploramos, à luz da teoria Construtivista social

o processo de análise da política de unificação nacional. No segundo capítulo analisamos o papel da opinião pública nas políticas de unificação nacional entre 2008 e 2017, ou seja, durante o período em que as presidências sul-coreanas de Lee Myung Bak e Park Geun Hye decidiram não adotar uma política de engajamento com a Coreia do Norte. Finalmente, no terceiro capítulo exploramos, à luz da teoria Construtivista social e da literacia visual, a ideia de uma possível unificação nacional construída pela presidência de Moon Jae In nos Jogos Olímpicos de PyeonChang em 2018, e as reações da opinião pública.

Capítulo 1 – Estado da arte: Origens e Evolução da Política de Unificação Nacional para a Península Coreana – breve resenha

As duas Coreias têm peculiaridades nacionais e internacionais em torno do tema unificação, que as tornam num caso interessante para explorar na área de Estudos Asiáticos. A divisão da Península Coreana foi feita pelos Estados Unidos e a antiga União Soviética, que estabeleceram o paralelo 38 após o imperialismo japonês (1910 – 1945). Mais tarde este foi alterado definitivamente após a Guerra das Coreias (1950 – 1953), que terminou com a assinatura do armistício sem a participação da Coreia do Sul. Por sua vez, desenvolveram-se dois regimes políticos na Península Coreana.

Na Coreia do Norte formou-se o regime autoritário liderado por Kim Il Sung e sob o apoio da China e da antiga União Soviética. As políticas de unificação seguiram sempre o mesmo foco, independentemente do líder no poder: a unificação nacional é a libertação dos sul-coreanos das forças estrangeiras (Cho, 2011b). De acordo com a visão do regime norte-coreano, a unificação deve ser feita pela absorção de todas as estruturas que compõem o Estado sul-coreano (Cho, 2011b).

Na Coreia do Sul, sob influência dos Estados Unidos, passa-se o contrário (Kim, 2017a), sendo possível afirmar que as políticas de unificação evoluíram consoante o regime político (autoritário vs. democrático). Durante o período autoritário de 1963 – 1988⁵, o anticomunismo fez parte das políticas públicas do governo e da sociedade, “*Koreans became self-divisional*” (Lee, 2018b: 03). O governo desenvolveu o termo “pro-Coreia do Norte”, em coreano escreve-se *jongbuk* [중북] (Sung, 2017: 487): trata-se do complexo vermelho ou a fusão entre os sentimentos e a política, que foram produzidos para reprimir os sul-coreanos de desenvolverem qualquer contacto com a Coreia do Norte e interessarem-se pelo comunismo (Lee, 2018b; Kang, 2018a). O que Lee apelida de “política do medo” (Lee, 2018b). Os governos militares apoiaram-se nos instrumentos de *soft power* (i.e. filmes, desporto) para enraizar o medo ao comunismo. Na obra *Ethnic Nationalism in Korea: Genealogy, Politics, and Legacy*, Shin Gi Wook (2006d) testemunha este exemplo na escola: “*I was taught in schools that Kim Il Sung was an imposter leading his people into tyranny and starvation while pretending to be the legendary General Kim who had fought against the Japanese during the colonial era.*” (Shin, 2006d: 1946).

⁵ Pretendemos esclarecer que o primeiro Presidente da Coreia do Sul, Syngman Rhee (1953-1960) foi eleito democraticamente mas a forma como liderou o país foi autoritária.

Por sua vez, os regimes autoritários sul-coreanos assumiram uma postura unilateral face à unificação da Península, pois afirmavam que a Coreia do Norte fazia parte da sua soberania. Assim, a Coreia do Sul era a única nação na Península, o vizinho do Norte era considerado pelos governos como um “Outro”, um inimigo (Lee, 2018b). Os governos justificavam que este facto se devia às diferenças ideológicas e culturais entre as Coreias. Este “Outro” também significava a instabilidade militar que tinha de acabar na Península (Lee, 2018b). Assim, no pensamento autoritário os governos sul-coreanos tinham a legitimidade de terminar com o Norte.

1.1 As origens intelectuais da *Sunshine Policy*: o Movimento *Minjung*

Este registo político só começou a sofrer alterações através do movimento *minjung* [민중], formado nos anos 1970, que contestou as práticas dos governos autoritários. Contestou igualmente a ideia e imagem fomentada durante 30 anos na Coreia do Sul: o único Estado-nação da Península (Lee, 2007e). Trata-se de um movimento criado por intelectuais e estudantes universitários, no qual se integraram Kim Dae Jung, Roh Moo Hyun e Moon Jae In, os três Presidentes que representam a *Sunshine Policy*. O movimento *minjung* surgiu pela necessidade de reinventar a história moderna da Coreia. A força deste movimento teve como base a premissa de que o povo coreano não era o criador da sua história desde o fim do imperialismo japonês na Coreia (1910 – 1945). Este sentimento de “fracasso” na história coreana originou o movimento *minjung*, que inculca a responsabilidade e a necessidade de reinterpretar eventos históricos importantes que aconteceram na Coreia, como os massacres aos coreanos durante o imperialismo japonês, a Guerra das Coreias, os massacres dos regimes autoritários na Coreia do Sul (i.e. *Guangju uprising*), entre outros. Inclusive, debateu-se o propósito de reunificação das Coreias (Lee, 2007e). A divisão nacional da Península foi encarada como uma falha no estabelecimento de um regime político independente e de um Estado-nação coreano após 1946. Assim, a partir dos anos 70 surgiu o argumento de que o povo (*minjung*) é a base deste movimento. São os protagonistas da história da Coreia, “[...] *the true subject of historical development and capable of social change* [...]” (Lee, 2007e: 02).

Por sua vez, o movimento *minjung* impulsionou a transição do regime autoritário para o regime democrático em 1989, com a eleição do candidato conservador Roh Tae Woo, até à sua consolidação em 1998. Nesta altura na Europa, vivia-se o ambiente de decadência das

estruturas de Guerra Fria, nomeadamente nos países de Leste. A política de unificação da presidência de Roh Tae Hoo, *Nordpolitik*, inspirou-se no sucesso da *Ostopolitik* alemã de Willy Brandt, que unificou a Alemanha de Leste e Ocidental em 1990. A *Ostopolitik* de Brandt foi implementada em 1969 e teve como objetivo normalizar as relações diplomáticas com os Estados da Europa de Leste, incluindo a Alemanha do Leste (Spiers, 2005). A *Nordpolitik* da presidência de Roh Tae Woo segue o mesmo princípio, ou seja, a normalização das relações diplomáticas com países aliados para além da própria Coreia do Norte, principalmente a China e a Rússia. Para a unificação da Península Coreana, a finalidade da *Nordpolitik* consistia na integração política das Coreias. Esta seria concebida através da criação de uma comunidade comum às duas Coreias, estabelecendo trocas económicas, comerciais e uma comunidade cultural comum. Ambos os Estados seriam representados bilateralmente por um Conselho de Ministros e um Conselho de Representantes (Kim, 2017a). Alguns críticos consideraram a presidência de Roh agressiva face à abordagem diplomática de reaproximação com a Coreia do Norte (Kim, 2017a). No entanto, após a queda do Muro de Berlim, em 1989, a Coreia do Sul mergulhou num sentimento de confiança de que seria possível unificar as duas Coreias (Kim, 2017a). No contexto asiático, depois do massacre na praça de Tiananmen em 1989, o governo de Roh apoiou tecnologicamente a China nos Jogos Asiáticos de 1990, conseguindo o seu apoio à entrada da Coreia do Sul nas Nações Unidas, em 1991. Paralelamente, esta presidência também obteve o apoio da antiga União Soviética na proibição do fornecimento de armas à Coreia do Norte, devido ao apoio económico assegurado por Seul. As negociações entre as Coreias conseguidas no governo de Roh permitiram continuar com as estratégias de *soft power* para os Presidentes seguintes (Kang, 2018b).

Em 1998, com a consolidação democrática na eleição de Kim Dae Jung, revolucionou-se a política de unificação nacional. Esta foi apoiada numa ideia/imagem da Coreia do Norte promovida como parte de uma homogeneidade étnica, baseada nos valores históricos, culturais e linguísticos da Coreia antes da divisão forçada, em 1945 (Shin, 2006d). Através da *Sunshine Policy* alterou-se a ideia de hostilidade e de inimigo, ambas associadas ao Norte, para a mensagem de coexistência pacífica entre as duas Coreias (Moon, 2012a).

Durante os governos progressistas de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun, através da *Sunshine Policy*, defendeu-se a aceitação da soberania do Norte, incluindo o seu regime. Estipulou-se o diálogo diplomático a longo prazo com o intuito de conseguir unificar

politicamente a Península (num modelo semelhante à União Europeia), mas cada Coreia mantém a sua soberania. Defendeu-se igualmente a substituição do armistício por um acordo ou tratado entre as Coreias, como símbolo oficial da unificação e paz da Península (Moon, 2012a). Paralelamente, estes dois “governos *Sunshine*” preocuparam-se em alterar a imagem ameaçadora da Coreia do Norte junto da sociedade nacional, de forma a acabar com o conflito sul-sul, ou *namnamgaldeung* [남남갈등]⁶ (Hannes, 2019).

Inicialmente, a *Sunshine Policy* conseguiu influenciar a abertura da Coreia do Norte. As duas cimeiras históricas entre as Coreias, a 1ª em 2000 e a 2ª em 2007, estipularam parcerias socioculturais conjuntas nos acordos assinados pelos chefes de Estado⁷ (Kang, 2018b). Assim, através dos instrumentos de *soft power*, estas administrações continuaram a dar valor à criação de uma possível unificação da Península, de modo a “promover” o espírito da necessidade de unificar na sociedade nacional. Em várias áreas recorreu-se ao *soft power*. Na área do turismo, por exemplo, os turistas sul-coreanos visitaram a Montanha Paektu, na Coreia do Norte. Na área da economia, esta foi feita através de parcerias económicas como o projeto industrial Kaesong. Na cultura *pop* realizaram-se “concertos de unificação” na Coreia do Norte, que incluíram público das duas Coreias e que foram emitidos nos canais KBS e SBS da televisão nacional sul-coreana (Kang, 2018b; Moon, 2012a).

Porém, no período de 2008 até 2017, devido à eleição consecutiva de candidatos conservadores, as políticas de unificação e o uso dos instrumentos de *soft power* voltaram a adotar a abordagem do ex-Presidente Roh Tae Hoo (Moon, 2020b). Assim, durante nove anos a *Sunshine Policy* foi substituída. Todos os canais de comunicação entre as Coreias terminaram e as tensões militares voltaram a emergir. Em simultâneo, a morte de Kim Jong Il e a ascensão ao poder do seu filho Kim Jong Un, visto como sendo ainda inexperiente, levantou a possibilidade de colapso do regime norte-coreano.

A eleição de Moon Jae In, em 2017, fez reemergir a *Sunshine Policy* como base da política de unificação nacional. A mensagem criada pelo governo de Moon nos Jogos Olímpicos de Inverno em PyeongChang faz parte do evoluir do movimento *minjung* na Coreia do Sul. A presidência de Moon Jae In construiu a ideia de que a unificação das Coreias é possível e todos os coreanos são o pulmão da unificação. Como veremos mais à frente, na cerimónia de inauguração e na equipa de hóquei no gelo, esta presidência

⁶ Refere-se à divisão partidária na Coreia do Sul entre as forças conservadoras, que na relação entre as Coreias têm a preferência de *hard power* e as forças progressistas têm preferência de *soft power*.

⁷ *South – North Joint Declaration* (2000) e *North – South Summit Declaration* (2007), (Moon, 2012a).

procurou-se em criar a imagem de uma Coreia unificada através da inclusão de atletas norte-coreanos na que era originalmente a representação sul-coreana. Estes são o “objeto” que o fotógrafo escondeu nas suas imagens (Shin, 2014b). Sabemos que estiveram presentes em cada momento, mas o alvo da narrativa de que é necessário unificar foram os nacionais das Coreias, em particular da Coreia do Sul.

A sociedade da Coreia do Sul é o pulmão da prática das políticas de unificação. Logo, se o “termómetro”⁸ do desejo de unificação diminui, é necessário construir através dos instrumentos de *soft power* (no desporto) uma possível unificação para relembrar a importância deste aspeto histórico das Coreias, que não foi delineada pela Nação. O Presidente Moon Jae In adotou na sua política de unificação para a Península Coreana a mesma abordagem dos primeiros “governos *Sunshine*”, focando-se na prioridade das relações económicas entre as Coreias e no uso dos instrumentos de *soft power* nas produções socioculturais, para promover junto da opinião pública a importância da unificação da Península⁹ e obter o consenso nacional neste debate. Designamos consenso social com a semelhança do termo coesão social defendido por Maxwell, “[...] a process of building shared values [...] and share the same community with the same challenges.” (Maxwell, 1996: 13).

Neste primeiro capítulo debate-se a literatura sobre o conceito de unificação, definindo a nossa posição. Seguidamente, analisamos os estudos de opinião pública sobre o apoio da sociedade sul-coreana à unificação nacional a partir da primeira administração *Sunshine* (Kim Dae Jung – 1998). O objetivo é perceber até que ponto a visão da presidência de Moon Jae In em relação à unificação é partilhada pela população e a necessidade de se criar uma “propaganda”, para convencer a população de que o caminho certo é a unificação da Península. Finalmente, debatemos o Construtivismo social para analisar como é possível estudar a construção de uma nova realidade na sociedade, não esquecendo os seus limites face ao tema das Coreias. Por outro lado, exploram-se outras variantes de interpretação da unificação das Coreias trabalhadas nos Estudos Asiáticos.

⁸ Usamos esta analogia devido aos dias que correm por causa da situação pandémica. O objetivo é saber se a “temperatura” está elevada ou baixa face à ideia de unificação, entre o poder político sul-coreano e a opinião pública.

⁹ No anexo D criámos um cronograma com os momentos mais importantes na história das políticas de unificação das Coreias, a partir da Presidência de Kim Dae Jung. No anexo E também se encontra um quadro que traça o evoluir dos termos, princípios e objetivos das políticas de unificação dos três presidentes da *Sunshine Policy*.

1.2 Conceito de unificação

Unificação, em coreano escreve-se *tongil* [통일], significa a formação de um Estado-nação outrora dividido (Moon, 2020b). Nesta definição, acreditamos que o conceito de Nação não deve ser entendido como um sinónimo do conceito de Estado, quando este é explorado no caso sul-coreano (Guo, 2004). Assim, o termo Nação é tratado nesta dissertação à semelhança da visão de Yingjie Guo (2004), a saber, uma população que partilha um território histórico, memórias históricas e cultura (Guo, 2004: 10).

Entende-se igualmente que o conceito de unificação vai para além da visão *per se* dos Estados, quando se explora o impacto das políticas de unificação na sociedade sul-coreana. Nam Kim (2016c) refere que a divisão da Península Coreana é mais do que uma fronteira de *facto*, é a divisão nacional desde 1945. Assim, note-se que para existir unificação é importante que seja trabalhada a unificação nacional na sociedade, que significa “[...] *bringing together the divided or as yet separated parts of a nation.*” (Speirs, 2005: 2).

De forma a existir a união da Nação ou a unificação nacional, há autores que defendem a criação de aspirações e sentimentos na sociedade dos Estados divididos, para fomentar o desejo de unir (Speirs, 2005). Na perspetiva de Breuilly e Speirs (2005), é possível dividir a criação de aspirações em dois pontos convergentes. Por um lado, através do apelo de sentimentos nacionalistas, promovidos pelas instituições políticas, e que geram ações propositadas para promover o desejo de unificar. Por outro lado, através do desenvolvimento de sentimentos que visionam um Estado-nação unificado (Speirs, 2005). Outros autores, como Parr (citado em Speirs, 2005), substituem a palavra sentimentos por ideais ou valores que guiam as ações da sociedade nacional, para a existência de um projeto de unificação. Consideramos que o autor se refere a um processo *bottom up*, ou seja, parte dos cidadãos para que haja sucesso, “[...] *national unification cannot happen without being intended [...]*” (Speirs, 2005: 7). A superação da divisão nacional deve servir como uma aspiração aceite pela generalidade dos cidadãos.

À semelhança das visões acima exploradas, foi observado que em algumas entrevistas e fóruns internacionais, os autores da área de Antropologia e dos chamados Estudos de Paz argumentam que o termo unificação envolve muito mais do que a política. Justamente, na sua opinião, para o caso peculiar das Coreias, trata-se da união dos indivíduos mas visionada como o reflexo de uma identidade coletiva coreana, um grupo homogéneo que partilha a

mesma história proveniente da lenda *Hongik Ingan* [홍익 인간]¹⁰ (Smith, 2018a; Global Peace Foundation, 2015). A origem do termo *Hongik Ingan* remete para a figura mitológica de Dangun, que teve dois simbolismos na Coreia. Antes da ocupação japonesa, por exemplo nas Dinastias de Goryeo (918 – 1392) e Joseon (1392 – 1897), argumentava-se que os coreanos eram descendentes de Dangun para fundamentar a sua existência numa civilização ancestral como na China (Han, 2007). Acreditavam ser os sucessores do antigo reino Gojoseon, fundado por Dangun (2333 A.C). Porém, durante a ocupação japonesa na Península Coreana (1910 – 1945) alterou-se o conceito da descendência civilizacional nesta figura mitológica, para a sua representação na homogeneidade étnica coreana (Han, 2007). O desenvolvimento desta ideia foi influenciado pelo filósofo europeu Fichte (citado em Han, 2007), que alegava que esta noção correspondia a uma cultura, sangue e língua comum de uma determinada população. Na Península Coreana, o propósito era combater a propaganda japonesa *naisen ittai*, que significa o Japão e a Coreia são um só corpo, ou seja, são iguais¹¹ (Han, 2007). Após o imperialismo japonês, a ideia de homogeneidade étnica como genealogia dos coreanos prevaleceu na Coreia até ao presente (Han, 2007).

Constatamos, por outro lado, na área de Estudos Asiáticos, que o conceito de unificação é substituído por reconciliação, em coreano escreve-se *hwahae* [화해], abrangendo temas para além das políticas de unificação sul-coreanas, principalmente quando se tratam de questões que necessitem da união entre a sociedade nacional e o governo (Shin, 2007a; Koo, 2016; Azenha, 2017). Shin Gi Wook, Park Soon Won e Yang Daqing (2007a) referem que não existe um conceito universal para definir reconciliação, mas este termo é largamente atribuído à normalização das relações diplomáticas entre os Estados. Normalmente este processo é orquestrado por delegações dos Estados envolvidos, juntamente com uma compensação monetária final. No entanto, segundo os autores, tal não invalida que neste tipo de reconciliação seja excluída a opinião pública. Consideramos que se trata de um lado mais “humano” de reconciliação porque envolve compensações simbólicas que ficam gravadas na memória individual e coletiva da sociedade, é o caso de um pedido de desculpas.

Na obra *Rethinking Historical Injustice*, através deste conceito, Shin Gi Wook (2007a) retrata a perspetiva sul-coreana face ao impacto da resolução de problemas históricos entre

¹⁰ Nesta lenda fundou-se o primeiro reino coreano, Gojoseon, criado por Dangun em 2333 A.C. Na Coreia do Norte situa-se o túmulo de Dangun e na Coreia do Sul, no Museu Nacional da Coreia em Seul, encontram-se algumas peças alegadamente pertencentes ao período Gojoseon.

¹¹ Esta tradução teve o apoio da minha colega de mestrado Leonor Lopes.

a Coreia do Sul e o Japão, nomeadamente o das mulheres de conforto. Para este caso concreto, o autor (2007a) menciona que pelo facto de este problema ser debatido primeiro entre o governo japonês e o governo sul-coreano, por vezes pondo de lado a opinião pública sul-coreana, não se atinge a reconciliação a nível nacional. Logo, na obra é argumentado que a reconciliação deve abranger os dois níveis (governo e sociedade) para o problema não persistir.

Nos Estudos de Unificação das Coreias e nos Estudos de Unificação Alemã, o conceito de unificação é limitado a uma visão demasiado centrada nas entidades governativas (Wagner, 2015; Moon, 2020b). Nesta perspetiva macro ou *topdown*, a natureza da unificação perde a importância do papel dos nacionais, pois constrói-se em termos territoriais. Por sua vez, as políticas de unificação sul-coreanas são visionadas principalmente em prol da divisão territorial forçada de 1945 (Moon, 2012a; Moon, 2020b). Trata-se da junção de forma voluntária ou forçada de dois Estados-nação, que historicamente foram divididos (Wagner, 2015).

Por sua vez, para existir a união de dois Estados, estes estudos referem que é necessário existir um processo ou um modelo de unificação que explore as várias possibilidades no caso coreano (Wagner, 2015; Moon, 2020b; Bennet, 2018). Note-se que a nível internacional aconteceram diversos processos de unificação. Por exemplo, derivados da subjugação de uma entidade pela incorporação voluntária de outra (Wagner, 2015), como é a atual União Europeia. No Vietname assistiu-se à unificação pelo uso da força durante a guerra (Yoo, 2019). Na Alemanha Ocidental e do Leste, através da *Ostpolitik*, ocorreu a unificação pela absorção, na qual a entidade mais forte, a República Federal Alemã, anexou o sistema político, social, cultural, económico, da entidade mais fraca, a República Democrática Alemã (Yoo, 2019).

Ainda no Iémen, um caso contestado entre os especialistas sul-coreanos (Moon, 2012a) e ocidentais (Bennet, 2018), ocorreu a unificação pelo consenso, antes de 1979. Este modelo compreende o diálogo pacífico entre as partes divididas para alcançar um consenso sobre a unificação, que é oficialmente registado num tratado ou acordo (Moon, 2012a). No lado sul-coreano, os especialistas da unificação das Coreias, Chung In Moon (2012a) e Seong Ok Yoo (2019), referem que o Iémen foi um exemplo de reunificação pelo consenso. No entanto, numa perspetiva mais realista ocidental, da qual discordamos, argumenta-se que esta visão

é errónea porque se trata de uma unificação pela força, pois a guerra de 1979 resultou na invasão do Iémen do Norte pelo Iémen do Sul (Bennet, 2018).

Defendemos igualmente que a unificação é diferente em cada Estado. Comparar modelos que existiram noutros Estados, aplicando ao caso coreano provoca algumas dúvidas quando o foco das análises consiste em torná-las numa possibilidade a ocorrer na Península Coreana (Bennet, 2018). Mas é possível retirar conclusões históricas dos casos que aconteceram, de forma a não repetir futuramente na Coreia (Moon, 2012a). O modelo alemão apresentou-se em grande destaque neste caso. De forma breve, a nível nacional existiu maior ligação social entre as duas Nações alemãs devido a comunicações entre os cidadãos, i.e. envio de cartas (Lee, 2011a). Contrariamente, a divisão das Coreias foi muito forte na imposição de restrições de comunicação entre os nacionais, tornando-as inclusive um crime constitucional (Kim, 2017a).

Outro fator remete-nos para a vontade de unificação trabalhada na sociedade e entre os líderes do Estado. Na Alemanha Ocidental a unificação era desejada politicamente, ao contrário da Alemanha do Leste, que só a partir dos anos 1990 começou a fomentar debates na sociedade (Lee, 2011a). Contrariamente, na Península Coreana desde a divisão nacional que se promove a unificação. Inclusive desde 1972 que se assiste a assinaturas de declarações entre as Coreias, que expressam a vontade de reconciliar e unificar (Moon, 2020b; Kim, 2017a)¹². Nos aspetos legais, a Constituição da Coreia do Sul menciona que os cidadãos norte-coreanos são da sua responsabilidade legal, “[...] *South Korea has [...] sole representation over the North Korean population.*” (Yang, 2016: 30). Na área das produções socioculturais, mesmo com uma conotação negativa ou positiva, as personagens norte-coreanas interagem com as personagens sul-coreanas (Epstein, 2009).

¹² Para mais informações sobre o modelo de unificação pela absorção adaptado à realidade política sul-coreana recomendamos as leituras sobre a comparação entre a situação nacional e internacional da Alemanha e da Coreia do Sul (Yang, 2016; Lee, 2011a).

1.3 A Influência da Opinião Pública Sul-Coreana na Política de Unificação Nacional

A maioria dos estudos de opinião pública a partir dos anos 2000, principalmente durante os “governos *Sunshine*” de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun, focam-se no apuramento da qualidade da política de unificação¹³ (Kim, 2017a). A nível nacional, na Coreia do Sul, vivia-se um período de mudança sobre a percepção da Coreia do Norte, devido à alteração das políticas de unificação favoráveis ao diálogo e interação com o país vizinho (Moon, 2020b). A partir de 2008, período que marcou a transição de governos progressistas para os governos conservadores, observámos que os estudos de opinião pública exploraram vias de análise incidentes na avaliação da necessidade de unificar e na percepção dos sul-coreanos face à Coreia do Norte (Kim, 2015e; Seong, 2017a).

No estudo de Kim Ji Yoon (Kim, 2015e) revelou-se que durante as administrações conservadoras a maioria dos sul-coreanos associavam a Coreia do Norte aos aspetos da área da segurança: guerra e armas nucleares (Kim, 2015e). Esta associação explica-se pelo período de hostilidade militar vivido entre as duas Coreias durante estas administrações. Consequentemente, outro dado interessante é a diminuição de vontade de unificar por parte da opinião pública. Verificou-se neste estudo que quanto mais jovem é a faixa etária da população, menor é o interesse pela unificação. Neste indicador, o estudo de Kim Ji Yoon também apurou na preferência dos inquiridos por uma possível unificação das Coreias dependente da relação diplomática estável ou instável entre os dois Estados (Kim, 2015e). Outros estudos, como o de Seong Koo Ham (2017a), acrescentaram ao fator “possibilidade de unificação” a quantidade temporal, ou seja, quando é que os inquiridos esperavam que a unificação ocorresse. O período superior a 30 anos representou a maior preferência da população (Seong, 2017a).

Durante a presidência de Moon Jae In, nos anos de 2017 e 2018, deparámo-nos com a relevância dos estudos das opiniões sobre a unificação nacional, comparando as gerações mais novas (a partir dos 20 anos) com as gerações mais velhas (a partir dos 60 anos) (Kim, 2018f; Park, 2017a). O estudo de Kim Ji Yoon, Kim Kil Dong, Kang e Chun Gku (2018f), composto por questionários do *Issue Brief* do *Asan Institute*, no espaço temporal de 2011 a 2017, identificou por idade que as pessoas até aos 40 anos rejeitaram gradualmente a ideia

¹³ Para a administração de Moon Jae In, o nosso acesso à opinião pública é baseado no estudo do *Korea Institute for National Unification* e em dois artigos de imprensa dos jornais de referência na Coreia do Sul, *Korea Herald* e *Korea Times*.

dos norte-coreanos partilharem a mesma etnia dos sul-coreanos. Recorde-se que este fator é um dos argumentos dos “governos *Sunshine*”, onde se insere o Presidente Moon Jae In. Outros fatores interessantes remetem para a indiferença de unificar as Coreias ser maior na faixa etária dos 20 anos aos 30 anos, ao contrário das gerações mais velhas (Kim, 2018f). Os únicos fatores observados que obtiveram concordância entre as gerações prendem-se com os benefícios da possibilidade de unificação (Kim, 2018f). Na área da segurança observou-se concordância face à diminuição do risco de guerra, seguindo-se na área de economia a combinação entre a tecnologia sul-coreana e a força laboral norte-coreana (Kim, 2018f).

Outros autores analisam o aumento gradual da preferência da coexistência pacífica entre as Coreias pela substituição do processo tradicional de unificação da formação de um único Estado (Park, 2017a). Recorde-se que é uma das particularidades das políticas de unificação dos governos conservadores, “contra a *Sunshine Policy*”. A publicação de Park (2017a) revela que é preocupante o distanciamento da vida individual dos sul-coreanos face à unificação das Coreias, pois existe uma percentagem elevada da população (60%) que concorda com a possibilidade de a unificação não afetar a sua vida pessoal (Park, 2017a).

Todavia, a limitação de análise encontrada em todos os estudos de opinião pública foi a falta de justificação dos resultados. Consideramos que é importante questionar: porque é que as gerações mais novas são menos adeptas da unificação? Por sua vez, qual é o impacto da avaliação da população sobre a unificação das Coreias face às políticas para a Península Coreana? Em resposta a estas questões, na área de Estudos de Unificação das Coreias há autores que usam como argumento a cultura política¹⁴, que influencia a mudança de prioridades face aos problemas a resolver na sociedade (Moon, 2020b). De acordo com Thompson, Ellis e Wildarsky, cultura política significa “[...] *values, beliefs and preferences that people consider legitimate within their society.*” (citado em Moon, 2020b: 42). Reisinger (citado em Moon, 2020b) argumenta que estes elementos são intrínsecos à opinião pública, que orienta os desafios na sociedade e o sistema político.

Outros autores, como Seong Ok Yoo (2019b), mantêm a instância da necessidade de unificar, mas referem que o propósito deve desviar-se dos mitos históricos das Coreias, como a lenda *Hongik Ingan*. Segundo Seong (2019b), trata-se de uma iniciativa que depende da aspiração dos nacionais de cada Coreia, por isso é fundamental desenvolver “amizade” entre

¹⁴ Para mais informações sobre o debate deste conceito e os valores asiáticos, juntamente com o desenvolvimento da cultura política na Coreia do Sul, recomendamos a leitura do capítulo *Political culture and behavior* (Moon, 2020b).

si para esse efeito. Numa visão oposta, Kim Ji Yoo (2015d) justifica que a diminuição do interesse de unificação, principalmente sentido nas gerações mais jovens, se explica pela formação de uma identidade coreana cívica e política, na qual o respeito pelo sistema legal e as tradições coreanas são mais importantes. Por identidade, designamos que se trata de um processo de construção, derivado do encontro de diferenças, que por sua vez nasce uma identidade unitária ou homogénea. De acordo com Stuart Hall, a identidade é objeto de “[...] *subject to a radical historicization, and are constantly in the process of change and transformation.*” (Hall, 2000: 4). Identificação significa o reconhecimento de características partilhadas por um grupo (Hall, 2000). De acordo com Anthony Smith (citado em Moon, 2020b), a identidade nacional é composta por uma identidade cívica e uma identidade étnica. Identidade cívica entende-se por cidadãos de um determinado território que cumprem direitos e deveres. Esta identidade é formada a partir dos valores e normas da sociedade transmitidos na educação e em processos de socialização (i.e. entre amigos, no trabalho). Identidade étnica significa os mitos, antepassados e a história de um grupo (Smith, 1991b). De acordo com Anthony Smith (1991b) estes componentes fazem parte do “*ethno-symbolism*” (Smith, 1991b: 13), ou seja, a composição de uma Nação engloba ligações étnicas ou tradições populares. Smith (1991b) refere ainda que as Nações que foram ex-colónias e se reergueram sob novos territórios procuraram a unidade cultural e uma identidade implícita num mito ou memória, com o objetivo de rejuvenescerem como Nação (Smith, 1991b).

Assim, na visão de Kim Ji Yoo (2015d), a identidade cívica substitui a identidade coletiva criada pelas administrações *Sunshine*, que fomentam a unificação nacional em torno do pressuposto de que todos os coreanos fazem parte da mesma etnia, partilham a mesma história e língua (Smith, 1991b).

Na nossa posição, os estudos de opinião pública revelam a discrepância entre as políticas de unificação e as perceções da sociedade sobre a unificação das Coreias. As políticas de unificação, em particular dos “Presidentes *Sunshine*”, ainda são concebidas com base na premissa de que a população deseja a unificação. Consequentemente, consideramos que esta posição é o maior desafio na atual presidência de Moon Jae In. Na análise de Andrew Arveseth (2017) há dois tipos de resposta das presidências face à opinião pública, que são relevantes para percebermos o caso coreano. A primeira “resposta” é quando estamos perante uma presidência preocupada, que se interessa pela opinião pública. As decisões políticas refletem o interesse público. A segunda “resposta” é uma presidência que

não segue o interesse da opinião pública, age sozinha. De acordo com Arveseth (2017), conseguimos ver o “termómetro” do nível de resposta dos governos consoante os resultados práticos das suas políticas. Organizámos o “termómetro das respostas” sob a seguinte forma:

- 1) Resposta elevada: se o interesse político da opinião pública for forte, o governo sente a obrigação de responder de igual forma.
- 2) Resposta baixa: se o interesse da opinião pública for fraco sobre um determinado interesse político, o governo não sente a necessidade de responder às aspirações da população.

Contudo, utilizamos os conceitos de cultura política, identidade cívica e identidade étnica como fatores que justificam a alteração da opinião pública sobre a unificação das Coreias. Recorremos igualmente ao “termómetro” de Arveseth (2017) de modo a interpretar a necessidade de resposta do governo de Moon Jae In face à mudança das perceções sobre a unificação das Coreias.

1.4 Analisar a Política de Unificação Nacional Coreana à luz do Construtivismo Social

O Construtivismo é uma teoria das Relações Internacionais criada por Alexander Wendt e que surgiu no final da Guerra Fria. Conforme o desenvolvimento da teoria, novas vias foram criadas, o Construtivismo social é uma das suas variantes. Este encara o mundo como uma construção social (Theys, 2018; Nau, 2019). Entende-se por construção social a atribuição de significados a uma ideia introduzida numa determinada comunidade, que ganha valor ao longo do tempo (Horton, 2020). Para exemplificar esta premissa, Wendt (citado em Theys, 2018) refere que as armas nucleares de Inglaterra representam uma menor ameaça para os Estados Unidos do que as armas nucleares da Coreia do Norte. Isto explica-se pelo significado social atribuído à Coreia do Norte. Quer isto dizer que de acordo com o Construtivismo social, os Estados interagem entre si num processo de associação (Theys, 2018). A Coreia do Norte é identificada pelos Estados Unidos como hostil e detentora de armamento nuclear, ao contrário do Reino Unido, que é considerado um aliado. Mas, de acordo com Wendt, os significados atribuídos a uma determinada relação entre os Estados ou inseridos numa comunidade podem mudar com o tempo, pois dependem dos valores transmitidos pelos atores que detêm poder de influência, i.e. os Presidentes ou

personalidades políticas, “[...] *reality is always under construction, which opens the prospect of change.*” (Theys, 2018).

Outra particularidade defendida pelo Construtivismo social é que, na prática, o resultado das políticas pode ser influenciado pela construção social nos discursos. Pode ser influenciado pelos governos ou na criação de identidades (Nau, 2019). Por exemplo, a unificação nacional como um pressuposto da homogeneidade étnica das Coreias (ideia) é defendida pelos “Presidentes *Sunshine*”. Consideramos que ideia é um conceito desenvolvido num espaço de tempo através de fatores materiais e históricos (Horton, 2020).

As ideias também podem ser substituídas para gerar novas identidades (Choi, 2010). Designamos este processo “reprogramação de identidade”. Este ocorre quando um ator, como o Presidente, tenta substituir uma identidade praticada há muito tempo na sociedade. É concebido primeiro pela criação de uma nova ideia e depois praticado/introduzido na sociedade, por exemplo através dos debates entre os partidos ou em instituições. Este processo também nos ajuda a compreender que um determinado evento ocorre porque corresponde a uma narrativa baseada numa ideia, e não por consequência de algo. É desta forma que encaramos os Jogos Olímpicos de PyeongChang. Na nossa perspetiva, estes ocorreram porque a presidência de Moon recuperou a ideia de unificação nacional defendida pela *Sunshine Policy* e tentou gerar uma identidade coletiva da Península Coreana, partindo do pressuposto da homogeneidade étnica da lenda *Hongik Ingan*. Na prática, analisamos a representação deste processo na construção de duas possibilidades de unificação nacional:

- 1) A cerimónia de abertura;
- 2) A equipa de hóquei feminina.

Consideramos ainda alguns obstáculos para a nossa análise. O primeiro é o facto de a influência da mudança de ideias sobre um determinado Estado respeitar apenas às entidades políticas. Face à realidade política da Coreia do Sul, é necessário observar que o sistema presidencialista abarca duas grandes particularidades que influenciam a execução e o impacto das políticas de unificação a nível nacional. A primeira particularidade, prende-se com o facto de a formação das políticas de unificação se realizar em torno de uma única figura política, o Presidente (Kim, 2018b). Por sua vez, o papel da opinião pública permanece como agente crítico e detentor de debate durante a aplicabilidade das políticas de unificação (Moon, 2020b). Consideramos que esta particularidade pode funcionar como um entrave à aproximação entre o governo e a sociedade nacional, no sentido de uma maior

reconciliação entre estes dois atores em torno da unificação nacional: o poder do Presidente significa que existe uma desigualdade no processo de decisão política que não favorece uma relação mais equilibrada com a sociedade (Shin, 2007a).

Segundo, o próprio sistema político constitui um entrave ao sucesso das políticas de unificação *Sunshine*. Este sistema leva à constante alteração das políticas de unificação quando se altera o mandato do Presidente¹⁵. Repare-se que após 2007, ano que marcou o fim da *Sunshine Policy*, seguiram-se sete anos de dois governos conservadores na Coreia do Sul, que substituíram todos os canais de comunicação entre as Coreias, catalisados pela *Sunshine Policy*, até ao mandato do Presidente Moon.¹⁶ Esta substituição reflete-se de igual forma na constante adaptação do *soft power* nos instrumentos socioculturais (Moon, 2020b; Kang, 2018a; Kang, 2018b). Os governos progressistas apoiam conteúdos que estabeleçam uma imagem de maior ligação/reaproximação da Coreia do Sul com a Coreia do Norte. Contrariamente, os governos conservadores focam-se na comercialização do *soft power* na área sociocultural. A imagem da Coreia do Norte é representada como um inimigo, o “Outro” diferente da Coreia do Sul.

O último limite de análise do Construtivismo social prende-se com a impossibilidade de conferir valor à influência nacional sobre a mudança de perceções face a um determinado Estado. Na nossa perspetiva, a mudança da realidade também depende da sociedade onde se insere, que por sua vez influencia a avaliação de determinadas ações que representam a união de duas Nações (Guo, 2004).

A visão Construtivista social foi usada por alguns autores da área de Estudos de Unificação das Coreias, de forma a explicar a introdução de novas ideias por parte dos governos *Sunshine* na sociedade sul-coreana. Kim Ki Jung (citado em Moon, 2020b) designa como visão nacional a *Sunshine Policy*, pois construíram a imagem da unificação das Coreias como se se tratasse de um dos desafios a superar no futuro próximo, e do interesse da sociedade sul-coreana. Kim Ki Jung menciona ainda que a Coreia do Norte é apresentada à sociedade como um parceiro especial da Coreia do Sul, que partilha os mesmos valores culturais, i.e. a língua. De acordo com a sua visão, estamos perante duas políticas que promovem o nacionalismo, pelo facto de tentarem encontrar referências culturais comuns que interliguem as duas Nações. Por exemplo, a Coreia, um território de todos os cidadãos,

¹⁵ Mandato de 5 anos não renovável.

¹⁶ O anexo D demonstra cronologicamente a estagnação da *Sunshine Policy* na Coreia do Sul.

ao contrário da cobiça por parte de outros, ou a partilha da mesma história antes da divisão (Moon, 2020b).

Na área de Estudos Asiáticos deu-se pouco uso a esta teoria, mas a sua referência é usada para retratar maioritariamente a *Sunshine Policy* de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun como políticas que reformularam uma nova identidade na relação das Coreias (Choi, 2010). Choi (2010) menciona que na Coreia do Sul se assistiu à construção de uma nova ideia, a reconciliação¹⁷, que atribuiu uma nova construção social na relação das Coreias e uma nova identidade à Coreia do Norte. Na visão de Choi (2010), esta ideia baseia-se na inserção de três novos fatores na Coreia do Sul:

- 1) O interesse nacional baseado na coexistência pacífica;
- 2) A perceção da Coreia do Norte, como uma oportunidade de engajar um parceiro especial do Sul;
- 3) A ação da Coreia do Sul baseia-se na reciprocidade entre as Coreias.

Observámos igualmente que outros autores analisam as interações culturais entre os coreanos do Sul e Norte através do conceito criado por Benedict Anderson, “comunidades imaginadas” (Anderson, 2006). Este conceito refere-se a um grupo que se constrói através de interações sociais, por membros que acreditam pertencerem à mesma comunidade imaginada (Kim, 2015d). Visto que os membros de uma Nação estão separados, estes imaginam e criam uma imagem do que seria uma possível interação entre todos (Anderson, 2006). Sun Hee Koo (2016) analisa o espetáculo do grupo *Pyongyang Folk Arts*, composto por desertores norte-coreanos na Coreia do Sul. Koo (2016) refere-se a este momento como uma comunidade imaginada composta por sul-coreanos (espectadores) e norte-coreanos (artistas). De acordo com o autor (2016), comunidade imaginada significa uma “co-nação”, na qual os membros partilham a noção de possuírem a mesma cultura, ideias e formas de comunicação (Koo, 2016). Nesta ordem de pensamento, o poder de unir uma Nação corresponde a “ser imaginado e imaginar” (Koo, 2016). Por sua vez, a simbologia que representa a Nação e assegura a possibilidade de os indivíduos pertencerem a uma entidade nacional, encontra-se na representação cultural proveniente da área da música e dança. De acordo com o mesmo autor (2016), a partir destas áreas culturais constrói-se uma identidade

¹⁷ Neste caso concreto referem-se a reconciliação como um processo no qual dois Estados desejam alterar o seu *status quo* de confrontação para um regime de paz.

nacional ao evocar experiências coletivas de pessoas que outrora viveram ou fizeram parte da mesma sociedade.

Todavia, como se averigua a representação das mensagens políticas através dos suportes fotográficos?

A literacia visual permite aferir nos suportes visuais (neste caso fotografias) como o social é construído ou mesmo reconstruído (Gil, 2011). Na sua obra, *Visual Politics and North Korea, Seeing is believing*, Shin (2014b) explica que o poder das imagens na sociedade pode ser usado pelos governos, por exemplo como uma ferramenta política para representar uma mensagem ou transmitir conhecimento. Por sua vez, este autor refere que o uso da visualidade molda a opinião e o pensamento dos espectadores, que permite depois obter condições benéficas para implementar as políticas públicas (Shin, 2014b).

O poder da visualidade fotográfica também pode ser entendido sob diversas funções. Por exemplo, a fotografia com o propósito de provar uma realidade, *believing is seeing*, como acontece aos turistas que visitam a Coreia do Norte. A imagem fotográfica transforma-se num recurso em primeira mão, mas é uma realidade encenada para os espectadores exteriores (Shin, 2014c). Contrariamente, há autores que se referem ao conteúdo e objetivo fotográfico como uma verdade artificial ou uma camuflagem manipulada pelos governos (Gil, 2014). Jünger (citado em Gil, 2014) encara a fotografia como um agente de simulação do discurso sociopolítico, um recurso que abarca o propósito de mobilizar a sociedade. Tagg (citado em Bate, 2009) argumenta que as fotografias são um instrumento manipulado pelos governos para visualizar um objeto que transmite uma mensagem.

Na área de Estudos Asiáticos e na área de estudos sobre a Ásia Pacífico, foi observado que alguns autores abordam o tema da unificação das Coreias com o apoio do sistema visual dos filmes ou dos livros escolares, para analisar como a Coreia do Norte é representada (Joinau, 2015; Delissen, 2015; Epstein, 2009; Flamm, 2018). A sua análise está limitada à representação visual de um contexto cultural, sendo que o foco dos Estudos Asiáticos consiste em descodificar como nas administrações *Sunshine* de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun se reproduziu a “imaginação” de uma relação amistosa entre as Coreias, um reencontro nesta perspetiva. Estas análises têm um ponto em comum com o nosso estudo, pois recorrem aos instrumentos de *soft power*, influenciados indiretamente pelas políticas de unificação dos governos progressistas, que aceitam temas de reencontro e unificação. Paralelamente, face às presidências conservadoras de Lee Myung Bak e Park Geun Hye, observámos que

os estudos sobre a Ásia Pacífico apoiam-se nos dramas televisivos sul-coreanos¹⁸, explorando o negativismo associado à Coreia do Norte nos temas tradicionais de conflito e divisão da Península (Flamm, 2018). Analisam igualmente a representação cómica dos norte-coreanos em obras literárias ou nos filmes (Epstein, 2009).

¹⁸ Séries televisivas com 15 ou mais episódios e com duração de 1h.

Capítulo 2 – Em contagem decrescente? O desejo de unificação na sociedade sul-coreana

2.1 A Política de Unificação Nacional da Presidência Moon Jae In (Maio 2017 – presente)

Em 2017, a camada mais jovem da população sul-coreana elegeu Moon Jae In para Presidente (Park, 2017b). A nível nacional, o mandato de Moon continuou a construir e a desenvolver uma política de unificação nacional baseada na ideia de homogeneidade étnica similar às presidências de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun, como o unificador das duas Coreias. Continuou igualmente a construção social de coexistência pacífica que deve ditar a relação diplomática das Coreias, assim como o *status* da Península (Kim, 2015d; Moon, 2020b). As eleições antecipadas foram um longo processo iniciado pela Revolução das Velas em 2016, levada a cabo pela população sul-coreana, na qual pediam o *impeachment* da Presidente Park Geun Hee devido a escândalos de corrupção e abuso de poder (Viagas, 2017)¹⁹. Estes protestos pacíficos são o melhor exemplo do sucesso da consolidação democrática iniciada em 1998 na Coreia do Sul (Moon, 2020b).

Por um lado, demonstraram a força da opinião pública sobre o governo, pois durante os protestos questionou-se e criticou-se a fraqueza governativa de Park Geun Hee (Moon, 2020b). A natureza da cultura política coreana perante a vergonha e a decepção na avaliação dos líderes políticos está ligada ao valor do mandato presidencial. A sua relevância provém da noção de “mandato do céu” (Shin, 2017e: 121), enraizado na Coreia desde a Dinastia Joseon (1392 – 1910). Esta dinastia, influenciada pelo Confucionismo, valorizava o empenho, a virtude e o cumprimento dos deveres por parte do imperador como pressupostos da manutenção, ou a perda do seu mandato no incumprimento de um dever (Shin, 2017e).

Por outro lado, estes protestos pacíficos representaram a desconfiança política, demonstrando a vigilância que a sociedade sul-coreana tem perante os representantes políticos (Moon, 2020b). Durante o processo de *impeachment* da Presidente Park conseguimos perceber que na presença de um interesse político forte na sociedade nacional, o mesmo nível de pressão é introduzido ao governo. O governo de Park perdeu a confiança da sociedade nacional, logo perdeu a legitimidade de continuar no poder (Moon, 2020b).

¹⁹ No dia 10 de Março de 2017, o Tribunal Constitucional aprovou o *impeachment* da Presidente Park (Shin, 2017e).

O Presidente Moon, na altura marcado como “*Gwangju President*” (Park, 2017b), redirecionou as políticas públicas para a participação ativa dos cidadãos, focando-se na tentativa de resolução dos problemas apontados por alguns, como o desastre do navio *Sewol*, a base naval na Ilha Jeju e o sistema antimísseis de alto alcance (Park, 2017b). Esta presidência representa a progressão da *Sunshine Policy* a nível ministerial, visto que é composta por ministros e apoiantes políticos que fizeram parte dos anteriores governos de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun (Lee, 2017d). A figura política que consideramos ser a mais conhecida no mundo académico é Chung In Moon, atual Secretário Especial de Diplomacia, Segurança e Unificação do Presidente Moon Jae In, em coreano escreve-se *tongil oikyo anbo teukbo* [통일 외교 안보 특보]²⁰. O próprio Presidente Moon faz parte da geração 386²¹. Esta geração foi influenciada pelo espírito do movimento *minjung*, que marcou o rumo político da Coreia do Sul nos anos 1980²². O Presidente Moon também faz parte da evolução da *Sunshine Policy* na Coreia do Sul, pois participou ativamente no governo de Roh Moo Hyun, ocupando vários cargos políticos. Foi, por exemplo, supervisor responsável pelo gabinete do Presidente (Lee, 2017d).

Da mesma forma que algumas figuras políticas avançaram nos mandatos presidenciais que seguiram a *Sunshine Policy*, observamos o mesmo nos objetivos da política de unificação de Moon Jae In para a Península Coreana (Moon, 2020b). Em termos de semelhanças políticas ao nível das relações diplomáticas entre as Coreias, é aceite o regime político norte-coreano, defendendo primeiro a desnuclearização, com o intuito de iniciar um regime de paz na Península. A nível nacional, à semelhança de todos os governos *Sunshine* remete para o uso dos instrumentos de *soft power* que contribuam para o consenso nacional sobre a unificação. Notámos igualmente que a maior discrepância entre a administração de Moon e as presidências de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun é a importância dada à construção de possibilidades de unificação através de estratégias de *soft power*.

Durante o mandato de Kim e Roh, a nível nacional, as políticas de unificação nacional preocupavam-se maioritariamente com a mudança da abordagem diplomática do modelo de absorção para o modelo pelo consenso, atenuando o conflito sul-sul (Kim, 2017a). Na altura,

²⁰ O professor acompanhou em cargos políticos todos os Presidentes da *Sunshine Policy* e esteve presente em todas as cimeiras das Coreias. É um dos pioneiros e grande defensor desta política.

²¹ Refere-se às pessoas que nasceram nos anos 1960. O nome 386 deriva do modelo de computador Intel 80386, usado pelos estudantes na altura (Kim, 2017a).

²² Recorde-se que se viveu o ativismo político dos jovens universitários nos protestos contra o governo de Chun Do Hwan (1980 – 1988), que apelavam à transição da ditadura militar para a democracia (Kim, 2017a).

este conflito prejudicou o consenso partidário sobre a direção das políticas de unificação para a Coreia do Norte, principalmente no apoio à introdução da *Sunshine Policy* na Coreia²³. Contrariamente, na presidência de Moon Jae In a visão exposta sobre a política de unificação indica que a unificação das Coreias será alcançada de forma pacífica, sendo formalizada com a assinatura de um acordo entre os governos da Península Coreana (Moon, 2019c). A arquitetura desta política pretende igualmente que a cooperação diplomática entre as Coreias seja realizada em paralelo com a sociedade nacional. Consideramos que este ponto se trata de uma iniciativa política do governo de Moon, de modo a conseguir a participação ativa dos cidadãos na conciliação diplomática das Coreias. Consideramos que também é uma forma de atenuar as discrepâncias entre a elevada participação das entidades políticas e a sociedade nacional sobre a matéria da unificação das Coreias (Shin, 2007a). Um dos cinco princípios²⁴ que compõem a política de unificação de Moon remete para a “[...] *interaction with people*” (Ministry of Unification, s/d b: 35), com o propósito de alcançar o consenso nacional sobre a unificação. Por sua vez, a estratégia política que está interligada a este princípio é designada como “*Foundation for peaceful unification through Mutually Beneficial Cooperation*” (Ministry of Unification, s/d a: 35).

Observámos igualmente relevância na criação de condições que apelem à importância da unificação no presente e para as gerações futuras (Ministry of Unification, s/d a: 30). Consideramos que a criação de condições se refere ao apoio dos instrumentos de *soft power* na cultura tradicional e contemporânea, no desporto, de modo a transmitir à sociedade nacional uma ideia conciliatória entre as Coreias. O *soft power* é usado pela presidência de Moon Jae In para influenciar indiretamente as atitudes da sociedade perante a unificação das Coreias, e em especial introduzir uma imagem conciliatória com a Coreia do Norte (Kang, 2018b; Yu, 2014). Por exemplo, ao longo da presidência de Moon vimos a influência indireta do governo no filme *Stell Rain*, estreado em 2017. Retrata a história de dois agentes das Coreias que se unem para travar uma guerra nuclear na Península. Observamos que as divisões ideológicas e a divisão nacional desaparecem, dado que as duas personagens colaboram para solucionar um problema comum (Kang, 2018b). Na área dos dramas sul-coreanos estreou-se *Crash Landing On You*, disponível na *Netflix*, que representa uma

²³ O conflito sul-sul também se encontra presente noutros temas da sociedade sul-coreana, como é o caso das interpretações dos eventos históricos ou a representação das ideias conservadoras vs. progressistas nos jornais coreanos, entre outros (Hannes 2019).

²⁴ No anexo E encontram-se os restantes princípios.

relação amorosa entre uma empresária sul-coreana e um soldado norte-coreano. Neste drama, a unificação nacional das Coreias é explorada no desenvolvimento da relação das duas personagens (Dong, 2020).

2.2 A opinião pública sobre a unificação nacional (2008 – 2017)

De modo a compreender como o governo de Moon Jae In expressou a sua política de unificação, ao recorrer à construção de possibilidades de unificação através dos instrumentos do *soft power*, temos de recuar ao período “pós-Sunshine” (2008 – 2017) na Coreia do Sul. A Coreia do Sul é a prova de que os valores Confucionistas e os valores democráticos conseguem estar em harmonia²⁵ (Moon, 2020b). A cultura política moderna faz parte deste aspeto. Na história contemporânea da Coreia do Sul ocorreram dois momentos que ditaram a alteração da cultura política e que hoje influenciam a opinião das gerações mais novas quanto à unificação.

O primeiro momento foi a transição democrática em 1988, que permitiu o debate dos valores democráticos como os direitos individuais, a propriedade privada, e conseguiu maior participação cívica (Moon, 2020b). O segundo momento, que consideramos ter a maior influência na perceção das gerações mais jovens sobre a unificação das Coreias, foi a crise económica de 1997 ou a crise do FMI (Kim, 2017a). Este momento revolucionou o valor tradicional do Confucionismo, no qual o Estado é “o pai” das famílias. As “famílias” (sociedade nacional) passaram a ser o motor da subsistência do Estado. Por sua vez, a distribuição de tarefas económicas na família também sofreu alterações, pois o homem (pai) deixou de assumir o único papel de subsistente. E, acima de tudo, a crise económica juntamente com a consolidação democrática de 1998 alterou a prioridade dos desafios do interesse público face à agenda política (Moon, 2020b). A economia passou a ter maior valor na sua agenda política. Durante o período das presidências conservadoras de Lee Myung Bak (2008 – 2013) e Park Geun Hye (2013 – 2017), a unificação das Coreias passou como debate “secundário” na sociedade nacional, priorizando-se os valores económicos (Moon, 2020b).

²⁵ A nossa posição vem ao encontro dos debates académicos sobre a democracia nos países asiáticos, em particular na Coreia do Sul. Samuel Huntington, na obra *Clash of civilizations*, defendia que os países em vias de desenvolvimento (no qual encaixava a Coreia do Sul) não conseguiriam alcançar a democracia porque os valores democráticos e os valores Confucionistas não são compatíveis. Outros autores, como Gabriel Almond, argumentavam que a cultura patriarcal dos países asiáticos também impossibilitaria a democracia (Moon, 2020b).

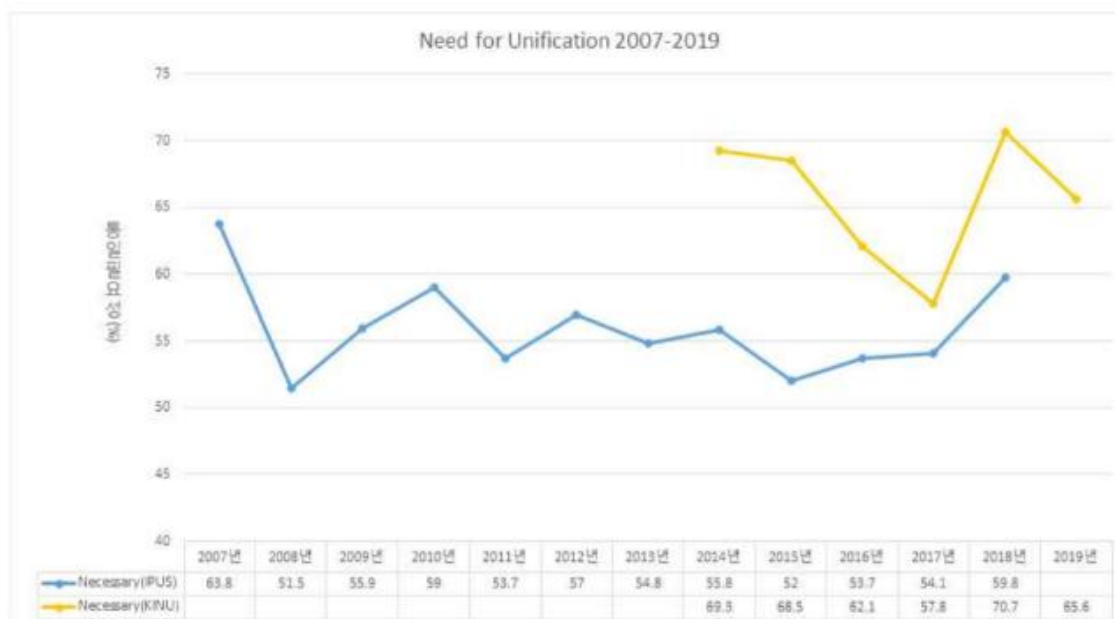
Assim, antes da chegada do governo progressista de Moon Jae In, a construção social que os governos conservadores de Lee Myung Bak e Park Geun Hye atribuíram à Coreia do Norte relacionava-se com a ideia de que estávamos perante um Estado hostil e detentor de armamento nuclear e que ameaçava a segurança nacional da Coreia do Sul (Moon, 2012a). Esta construção social refletiu-se no interesse do governo ao apoiar os instrumentos de *soft power* que transmitissem estas ideias. O desporto foi a área que perdeu “utilidade” durante este período (Kang, 2018b). Observámos estas ideias na representação da Coreia do Norte e a sua relação com o Sul construída nos filmes e dramas televisivos, nas personagens de espões e soldados. A produção da visualidade das personagens norte-coreanas apresentava pessoas distantes e frias. Por exemplo, no drama televisivo *Descendants of the Sun*, estreado em 2016, os soldados norte-coreanos tentavam sabotar camiões sul-coreanos de ajuda humanitária a outros países (Flamm, 2018).

Assim, num espaço de nove anos a construção social da ideia de hostilidade teve impacto na posição da sociedade nacional sobre as políticas de unificação sul-coreanas e sobre a Coreia do Norte. Consequentemente, consideramos que esta posição realista dos governos ganhou valor na sociedade nacional devido à frágil situação externa em que se encontrava a Península Coreana (Moon, 2020b). Por exemplo, em Julho de 2008, um turista sul-coreano foi assassinado por um soldado norte-coreano perto das instalações turísticas em Geumgang (Coreia do Norte). Em 2010 assistimos a confrontos entre as Coreias no *Northern Limit Line* (NLL), perto da Ilha Daechong (Moon, 2012a). Entre 2015 e 2016 foram descobertas minas posicionadas por norte-coreanos num posto militar sul-coreano (Viagas, 2017). Durante o período dos governos conservadores foram encerrados todos os canais de comunicação diplomática e as atividades socioculturais entre as Coreias, conseguidos pelos “governos *Sunshine*” de Kim Dae Jung e Roh Moo Hyun (Moon, 2012a).

Por sua vez, a cultura política marcada pelas gerações mais novas foi minada por uma imagem negativa da Coreia do Norte. As gerações tornaram-se mais conservadoras e o seu interesse na agenda política direcionava-se para os problemas que envolviam a segurança nacional. Consequentemente, o sentimento geral da sociedade sul-coreana face à unificação perdeu valor (Kim, 2018f). Na sociedade, a Coreia do Norte voltou a ser o “Outro” distante do Sul, associada ao negativismo, como um Estado que contribuiu para uma eventual guerra, que possui arsenal nuclear (Kim, 2018f). Assim, a identidade étnica associada à unificação nacional, construída pelos primeiros “governos *Sunshine*” (1998 – 2008), na qual todos os

coreanos pertencem a uma só Nação, regressou à ideia realista e unilateral de que as Coreias são diferentes e só uma tem a legitimidade política na Península (Moon, 2020b). Justamente porque interessava aos governos conservadores de Lee e Park manter a instância realista de que o regime norte-coreano teria de cessar a qualquer custo, a abordagem diplomática de *hard power* na Península Coreana teve legitimidade democrática (Arveseth, 2017). No gráfico 1 através dos estudos empíricos conduzidos pelo *Korea Institute for National Unification* (linha amarela) e pelo *Soul National Univeristy* (linha azul), conseguimos reter a diminuição gradual do desejo de unificar a Península. Como observamos no gráfico 1, em resposta à alínea “*How much do you think the unification is necessary?*” (Lee, 2019c: 13), observámos este facto no período de 2008 até 2017 (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Opinião pública no apoio à Unificação Nacional (2007 – 2019).



Fonte: Dados quantificados pelo Korea Institute for National Unification (Lee, 2019c).

Estes dados refletem a ideia de Arveseth (2017): o “termómetro de respostas” dos governos conservadores face à promoção do desejo de unificação na sociedade nacional foi fraco. Este facto explica-se porque na parte da opinião pública o interesse político de unificar era igualmente baixo. Consequentemente, na agenda política sobre a unificação, a influência da opinião pública tornou-se forte para a resposta bélica dos governos de Lee e Park, perante

os confrontos militares com o Norte (Arveseth, 2017). As respostas militares eram aceites neste período (Kim, 2018f).

Perante este cenário, a política de unificação de Moon Jae In preocupou-se com o futuro das gerações mais novas face à unificação da Península Coreana. De acordo com Kim Ji Yoon (citado em Moon, 2020b), cada geração é recebida com experiências e cria valores diferentes. Nas suas palavras: *“The most salient political, economic, and social incidents tend to imprint a peculiar memory into each generation.”* (Moon, 2020b: 49). No início deste capítulo explicámos que uma das ideias defendidas pela política de unificação nacional de Moon Jae In para a Península Coreana era a continuação da identidade étnica que une os coreanos. Como veremos mais adiante, através do *soft power* nos Jogos Olímpicos de PyeongChang, a unificação nacional foi representada com base nesta premissa. No entanto, a importância da identidade étnica está a mudar na sociedade sul-coreana. Antes da eleição de Moon Jae In, em Março de 2017, de acordo com o questionário do *Korea Institute for National Unification*, em resposta à alínea *“Just because the two Koreas are one people does not necessarily make them one nation.”* (Lee, 2019c: 19), numa escala de 1 (não concorda) a 5 (concorda), 35.7% dos inquiridos responderam que concordavam com esta afirmação. Repare-se na percentagem por idades dos inquiridos que não concordam com esta afirmação (Tabela 1). Conseguimos detetar que o negativismo e o distanciamento sobre a identidade étnica coreana são maiores nos inquiridos mais jovens, com idades compreendidas entre os 20 anos, 47.4%, e os 30 anos, 44.4% (Lee, 2019c: 20). Ao contrário, dos inquiridos com idade mais avançada, entre os 50 anos (29.2%) e maiores de 60 anos (26.6%), a rejeição da homogeneidade étnica como pressuposto da unificação não é tão acentuada.

Tabela 1 - Percentagem dos inquiridos que não concordam que os norte e sul-coreanos partilham uma identidade étnica.

Idade:	Ano 2017
20 anos	47.4%
30 anos	44.4%
40 anos	35.5%
50 anos	29.2%
60 anos (e acima)	26.6%

Fonte: Dados quantificados pelo Korea Institute for National Unification (Lee, 2019c).

Através dos conceitos de identidade cívica e identidade étnica explicados por Anthony Smith (1999b), conseguimos perceber que atualmente, nas gerações mais novas, o primeiro conceito sobrepõe-se à identidade étnica, principalmente quando a identidade étnica é associada ao propósito de unificação (Kim, 2015e). De acordo com Kim Ji Yoon (citado em Moon, 2020b), a alteração das identidades nas gerações mais novas não é sinónimo do envelhecimento da população da Coreia do Sul. Esta situação significa que a sociedade nacional está a seguir um rumo diferente daquele defendido pelos “governos *Sunshine*”. Kim Ji Yoon (citado em Moon, 2020b) defende que na Coreia do Sul as gerações mais novas assim como as gerações futuras estão no foco destas alterações. As pessoas que nasceram em 1998 tiveram experiências diferentes relacionadas com a unificação, comparando com as pessoas nascidas antes da Guerra das Coreias, principalmente a geração 386. Por exemplo, antes da divisão das Coreias a terra natal do Presidente Moon Jae In era no Norte da Península. No entanto, durante a Guerra das Coreias a sua família mudou-se para Busan, Coreia do Sul. O Presidente Moon viveu a divisão nacional. A geração 386, à qual pertence, também cresceu sob a influência do argumento da identidade étnica. Na tabela 1 observamos que os inquiridos com idades compreendidas entre os 50 anos e os maiores de 60 anos também acompanharam a formação política da Coreia do Sul após a divisão nacional, incluindo o período autoritário na Coreia do Sul, no qual o nacionalismo étnico era utilizado pelo regime como meio de identificação do Estado às famílias (Moon, 2020b).

A sensibilidade e a experiência das gerações mais velhas perante o tema da unificação é naturalmente diferente dos jovens com idades compreendidas entre os 20 e 30 anos. As gerações mais novas, nascidas a partir de 1998 na Coreia do Sul, cresceram com as normas e valores democráticos. Viveram a abertura económica do país após a crise de 1997. Por sua vez, cresceram com o desenvolvimento da multiculturalidade na Coreia do Sul. Repare que só em 2013, 3.2% da população residente na Coreia do Sul era composta por estrangeiros (Lee, 2017e). Os jovens nasceram igualmente com a divisão nacional instaurada na Península Coreana. A sua experiência e o contacto com a Coreia do Norte durante a idade adulta esteve associada aos confrontos militares durante as presidências conservadoras de Lee e Park (Moon, 2020b). Assim, a grande fatia da oposição observada na tabela 1 entre os 20 e 30 anos também se justifica pelo distanciamento das gerações mais novas face à Coreia do Norte, devido ao contacto pós-divisão nacional. Consequentemente, esta atitude conservadora e realista sentida nas gerações mais novas reflete-se no apoio das produções

socioculturais criadas na presidência de Moon Jae In, que representam a identidade étnica entre os coreanos do Norte e Sul da Península (Kim, 2015e). Como veremos no seguinte capítulo, a opinião pública desafiou a proposta do governo de Moon Jae In durante o processo de construção da equipa feminina de hóquei no gelo com atletas das duas Coreias.

Capítulo 3 – O desaparecimento da divisão nacional: o “termómetro” de unificação nos Jogos Olímpicos de PyeongChang

A 6 de Julho de 2011 a Coreia do Sul, na altura presidida por Lee Myung Bak, foi eleita pelo Comité Olímpico para realizar a edição de Inverno de 2018. Foi a segunda vez desde 1988 que conseguiu este privilégio (Pardo, 2020). A primeira edição olímpica de 1988 ocorreu durante a transição da ditadura militar do Presidente Chun Doo Hwan (1980 – 1988) para o regime democrático do Presidente Roh Tae Hoo (1998 – 1993). Durante os regimes autoritários (1953 – 1987), o sentimento anticomunista associado à Coreia do Norte legitimava o governo para a repressão de produções socioculturais ou outro meio que demonstrasse uma relação amistosa com o “inimigo” (Lee, 2007e).

Nas décadas de 1960 e 1970 assistimos aos primeiros encontros desportivos entre atletas das Coreias, em competições internacionais. Mas estes encontros não passaram de focos de tensão e rivalidade política fomentados pelos chefes de Estado das Coreias, que expressavam a legitimidade da hegemonia territorial sobre a Península (Kang, 2018b). Por sua vez, o objetivo principal dos governos sul-coreanos consistia na derrota a qualquer custo do adversário, a Coreia do Norte. Por exemplo, durante a presidência de Park Chung Hee, a equipa de futebol da Coreia do Sul que jogou em 1966 contra a Coreia do Norte no *FIFA World Cup* foi criada sob a supervisão da Agência Central de Inteligência²⁶ (Kang, 2018b). Por curiosidade, refira-se que neste mesmo campeonato a Coreia do Norte disputou os quartos de final contra Portugal (Figura 1).

²⁶ A equipa de futebol sul-coreana foi composta por membros de várias divisões do exército.



Figura 1 - A equipa norte-coreana no *FIFA World Cup* de 1966, em Inglaterra, que defrontou Portugal, perdendo por 5 – 3. Fonte: Pinterest.

A unificação nacional era usada com o intuito de manter a legitimidade política dos regimes autoritários sul-coreanos, afirmando-se como “[...] *guardians of national unity* [...]” (Lee, 2018b: 267) de toda a Coreia. O período de preparação dos Jogos Olímpicos nos anos 1980, em Seul, ocorreu neste registo nacional e a situação da Península Coreana também se encontrava sob a influência do período de Guerra Fria (1947 – 1991). Na altura, foi a segunda vez que um país do Continente Asiático acolheu os Jogos Olímpicos (Kim, 2017a).

Durante a preparação dos jogos, a Coreia do Norte, liderada por Kim Il Sung (1948 – 1994), defendia que estes deviam ocorrer com a participação de toda a Península. Mas como a Coreia do Sul, então liderada por Chun Doo Hwan, não desejava esta partilha, após a transição democrática para o Presidente Roh Tae Hoo, a Coreia do Norte tentou boicotar os Jogos Olímpicos de Seul (18 de Setembro, 1988). Realizou um ataque terrorista em novembro de 1987, no qual um avião com passageiros sul-coreanos vindo de Bagdade para Seul foi abatido (Pardo, 2020).

Assim, a edição de há 30 anos dos Jogos Olímpicos ficou marcada pelos acontecimentos internos na Coreia do Sul, ao contrário da cooperação desportiva entre as Coreias. Esta edição simbolizou a passagem do regime democrático na Coreia do Sul, que ocorreu dez meses antes do início dos Jogos e melhorou a imagem do país a nível internacional (Pardo, 2020). O Sul da Península deixou de ser conhecido como um país pobre, em vias de desenvolvimento devido aos regimes autoritários, passando a mostrar-se um país

democrático, de desenvolvimento económico promissor (Kim, 2017a). Os primeiros anos do período de restauração da democracia de Roh Tae Hoo ainda não serviam o propósito de promover a unificação das Coreias. O interesse só foi despoletado mais tarde, após a unificação alemã, em 1990 (Kim, 2017a).

Já a preparação dos Jogos Olímpicos de 2018, em PyeongChang, realizou-se noutra registo nacional e internacional. Como vimos no capítulo anterior, em Março de 2017, antes da eleição do Presidente Moon, 57.8% dos inquiridos (Lee, 2019c) respondiam positivamente a uma possível unificação. Perante este cenário de decrescente interesse nesta agenda política, podemos considerar que o governo de Moon teve a legitimidade política para realizar ações que mobilizassem o aumento do parecer favorável da opinião pública. Na posição do governo observamos o interesse de convencer a opinião pública sobre a unificação das Coreias, de modo a manter aceso o desejo de uma unificação futura (Arveseth, 2017). A nível internacional, particularmente na relação diplomática entre as Coreias até à entrada do ano 2018, a Península continuava no centro dos debates sobre como responder aos testes nucleares e balísticos do regime norte-coreano de Kim Jong Un (Moon, 2020b). De modo a iniciar a estratégia da política de unificação, a presidência de Moon Jae In também necessitava de “normalizar” o ambiente militar na Península Coreana. Assim, a participação da Coreia do Norte nos Jogos de PyeongChang, ambicionada pela presidência de Moon Jae In, abrangia dois propósitos:

- 1) Normalizar a imagem internacional de hostilidade associada à Coreia do Norte,
- 2) Introduzir a aspiração de unificação na sociedade nacional.

Esta ambição foi tornada pública pelo Presidente Moon durante a competição mundial de taekwondo em Muju, em 2017, e mais tarde aceite publicamente pelo líder Kim Jong Un no discurso da celebração do Novo Ano de 2018 (Korea net, 2018). Na verdade, a ambição de convidar a Coreia do Norte para os Jogos Olímpicos obriga-nos a recuar um pouco no tempo, pois o mesmo já havia sido incentivado pelo Comité Olímpico nos Jogos em Tóquio, em 1964. Porém, as negociações foram um enorme fracasso devido aos objetivos divergentes entre os governos militares no Sul e os governos autoritários no Norte da Península Coreana. Na edição de 2018, as negociações entre as delegações das Coreias começaram vinte dias antes do início dos Jogos. Esta preparação foi levada a cabo pela delegação de Kim Yo Jong, irmã do atual líder norte-coreano Kim Jong Un, e pela delegação sul-coreana, sob a supervisão do Ministro da Cultura e Desporto, Do Jong Hwan (Pardo, 2020). Observámos

que durante este período os jornais conservadores sul-coreanos receberam com ceticismo a inclusão da Coreia do Norte nos Jogos. O *Chosun Ilbo* afirmava “*This may be Pyeongyang Olympics, not PyeongChang ones.*” (Kang, 2019d). Em Portugal, o jornal Público romanceou um pouco esta aproximação desportiva, caracterizando-a como uma “[...] lua-de-mel Olímpica entre as Coreias.” (Ribeiro, 2018).

3.1 Uma Península Azul

As atividades desportivas como os Jogos Olímpicos oferecem ao governo a oportunidade para transmitir uma mensagem sobre um determinado tema (Yu, 2014). Ora, a planificação da cerimónia de abertura incluiu a mensagem de paz na Península Coreana. De acordo com Wendt, determinados eventos ocorrem porque são planeados pelos governos através de uma narrativa (citado em Nau, 2019). O governo de Moon Jae In construiu esta mensagem em torno da narrativa da necessidade de unificar a Península Coreana. Na imagem fotográfica (figura 2), “a visualidade define-se como prática e discurso” (Gil, 2011: 22). O desfile das Coreias representou a narrativa da unificação da Península, pois desapareceu uma Nação coreana dividida para uma Nação unificada²⁷. Neste momento a literacia que absorvemos é: as Coreias coexistem em paz. Na figura 2 também interpretamos que estamos perante a representação de uma identidade étnica, na qual os fatores que identificam as pessoas de um grupo são os mitos e a história (Smith, 1991b). Os coreanos são descendentes de *Dangun*. A identidade aplicada ao grupo resultou das diferenças que o separavam (Hall, 2000).

²⁷ Note-se que ao longo da cerimónia também estiveram presentes outros elementos de igual importância. O património cultural da Coreia esteve representado nos trajes tradicionais (*hanbok*) e na música tradicional (*gugak*). O conceito de harmonia esteve simbolizado no tigre, considerado um guardião. Também estiveram incluídos alguns mitos históricos como *goblins*, que na Coreia representam criaturas misteriosas que podem ter vários formatos, como árvores ou a forma humana.



Figura 2 - Desfile dos atletas das Coreias na cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pyeong Chang, 2018. Fonte: Organização dos Jogos Olímpicos.

Os atletas que seguram a bandeira da Península Azul são Won Yun Jong (esquerda), atleta de *bobsled*²⁸ da Coreia do Sul, e à direita está Hwang Chung Gum, atleta da equipa de hóquei feminino da Coreia do Norte. O nome da bandeira é KOREA, o mesmo que encontramos nos equipamentos das atletas da equipa feminina de hóquei no gelo (figura 4). É uma bandeira com 27 anos, criada em 1989 nas negociações entre os representantes de Estado das Coreias em Panmunjom, para a realização de atividades desportivas conjuntas²⁹ (Ho, 2018). Numa entrevista ao canal de televisão sul-coreano *arirang news*, Chang Choong Sik (Arirang Issues, 2018), responsável pela delegação sul-coreana em 1989, partilhou que durante os 29 encontros discutiu-se inicialmente se as cores da bandeira seriam o verde e o preto. Chang acrescenta que o azul foi a cor final escolhida para simbolizar esperança. Na mesma entrevista, o atleta de *bobsled* que segurou a bandeira com a colega norte-coreana na cerimónia de 2018 refere que o seu significado é a paz entre as Coreias (Arirang Issues, 2018). Consideramos que a paz pode estar associada à ideia construída pelas “administrações *Sunshine*”, na qual a unificação é sinónimo de coexistência pacífica (Moon, 2012a). Recorde-se o movimento *minjung*, no qual se argumentava a necessidade de reconstruir a história e debater a unificação das Coreias. A ideia de coexistência pacífica é argumentada

²⁸ É um desporto praticado individualmente ou em equipa, no qual os atletas entram num *slide* que percorre em alta velocidade um circuito de gelo.

²⁹ As negociações ocorreram durante a presidência sul-coreana de Roh Tae Hoo e de Kim Il Sung, líder da Coreia do Norte.

pelos “governos *Sunshine*” devido à perda da hegemonia territorial que tinham desde a dinastia Silla³⁰ (676–935), fruto dos interesses geopolíticos de outros Estados que ocuparam o território (Lee, 2007e). Esta ideia também é fomentada devido à divisão nacional de 1945, que excluiu os representantes da Coreia.

A homogeneidade territorial pintada a azul também apresenta os desafios contemporâneos, frutos da divisão nacional. A Península Coreana é composta por vários ilhéus e ilhas³¹. Na primeira versão da bandeira azul e branca, Chang explica-nos que não foi discutida a inclusão da ilha de Dokdo, disputada entre a Coreia do Sul e o Japão, assim como a ilha Ulleungdo, disputada entre as Coreias (Arirang Issues, 2018). No entanto, consideramos que a inclusão das ilhas se trata do interesse político que na Coreia do Sul distingue os governos conservadores, dos governos progressistas sobre a posição política face ao Japão (Ho, 2018). Nas administrações conservadoras estima-se a cooperação diplomática com o vizinho japonês, mas nas administrações progressistas as questões do sofrimento da Coreia durante a ocupação imperial são levantadas, causando desconforto na relação entre os dois países. Por exemplo, nas versões utilizadas em eventos desportivos como foi na administração conservadora de Roh Tae Hoo, em particular no campeonato de ténis de mesa em 1991, vemos a bandeira azul sem as ilhas, nas roupas brancas das atletas. Mas na presidência progressista de Kim Dae Jung, nos Jogos Olímpicos de Inverno em Turim (Itália), vimos incluídas as duas ilhas. Nos Jogos Olímpicos de PyeongChang em 2018, observamos que na imagem fotográfica (figura 2) as duas ilhas não foram incluídas. Este fator explica-se porque o Comité Olímpico considerava as ilhas, principalmente a Dokdo, um conflito político entre o governo de Moon Jae In e o governo japonês de Shinzo Abe³² (Ho, 2018).

Todavia, através da figura 2 é igualmente possível reter um grau de interatividade entre os espectadores e a atividade em curso (Bate, 2009). Na cerimónia estiveram presentes dois espectadores: a sociedade sul-coreana e a audiência internacional na cerimónia de abertura.

O primeiro espectador refere-se à sociedade sul-coreana. Na figura 2 vemos a interação entre os atletas das comitivas coreanas através dos sorrisos, os gestos corporais iguais (i.e. braços direitos levantados com as bandeiras), as roupas brancas iguais ao fundo da bandeira.

³⁰ A Dinastia Silla corresponde ao período de unificação da Península Coreana.

³¹ No anexo A encontra-se o mapa da Península Coreana.

³² Apesar desta repreensão nos eventos Olímpicos, vimos a sua inclusão noutros eventos entre as Coreias. O mais marcante foi a 3ª cimeira em abril de 2018, entre os chefes de Estado Moon Jae In e Kim Jong Un. A bandeira azul incluiu as duas ilhas nas sobremesas servidas ao jantar (Arirang Issues, 2018).

Estes atos simbolizam os sentimentos e aspirações que são criados sob influência do governo de Moon Jae In para apelar à unificação nacional na sociedade sul-coreana (Speirs, 2005). Por sua vez, o momento da cerimônia de abertura engloba uma experiência coletiva porque há interação entre os nacionais das Coreias, de várias faixas etárias e experiências de vida. Esta cerimônia não pertence apenas a um grupo específico, como é o caso das reuniões de famílias separadas. Nestas reuniões, as aspirações de unificação nacional podem ser interpretadas no sentido individual (Kim, 2016c). Pertencem a um determinado grupo que experienciou a divisão. Neste contexto, a narrativa construída em torno da unificação nacional transporta-nos para as palavras-chave de reencontro (familiar), fruto da divisão nacional (Kim, 2016c).

Porém, a sociedade sul-coreana teve reações opostas. De acordo com a sondagem apresentada pelo jornal *Korea Herald* no dia da cerimônia de inauguração dos Jogos de PyeongChang, num universo de 500 adultos, 40.5% concordavam com a comitiva conjunta das Coreias, representada sob a mesma bandeira (Sohn, 2018). Mas 49.4% não apoiavam esta ideia, defendendo o desfile separado (Sohn, 2018). Estes resultados demonstram que a participação da Coreia do Norte é aceite, mas a sua presença na construção de uma só Nação coreana é rejeitada pela maioria dos inquiridos.

Na perspectiva de um dos inquiridos, um estudante de 26 anos, a ambição do governo de Moon Jae In sobre a criação de uma comitiva unificada não possuía legitimidade pelo facto de a opinião pública estar dividida face à vontade de unificação. Este inquirido refere que esta decisão trouxe um maior afastamento da sociedade sul-coreana face às ideias do governo. Nas suas palavras, *“I don’t see why South Korea had to choose to march under a unified flag, when it was bound to split the country’s citizens and raise resentment toward the government”* (Sohn, 2018). Outra perspectiva interessante é a de uma trabalhadora de 35 anos. A participação da Coreia do Norte é para ela bem-vinda, mas apesar de o objetivo da presidência de Moon Jae In consistir na apresentação de um País unificado, este gesto representa apenas o espírito Olímpico partilhado entre as Coreias. De acordo com esta inquirida, *“It’s not like anyone is going to think that South Korea and North Korea are one country just because they are marching together under a unified flag. I think the international community will see it as a positive gesture by both Koreas befitting the Olympic spirit.”* (Sohn, 2018).

No olhar da sociedade sul-coreana, o momento fotografado na figura 2 não é associado diretamente como uma tentativa de manter aceso o desejo/aspiração de unificação entre as Coreias. As Coreias continuam divididas apesar desta nova circunstância. Este momento responde apenas ao espírito olímpico, que consiste na cooperação e competição amigável entre os atletas de várias Nações (Yu, 2014).

Consideramos que o segundo espectador engloba toda a audiência presente na cerimónia de abertura, um grupo multicultural, incluindo o leitor da imagem. Como leitor do visual também conseguimos interagir com a imagem ao ponto de acreditar na mensagem que vemos, compreendendo a importância da unificação das Coreias (Shin, 2014c). Os sorrisos nos atletas convidam-nos a participar e a acreditar na narrativa da imagem, gerando empatia sobre a unificação das Coreias. A “felicidade” dos atletas na celebração deste evento histórico é uma forma de propaganda, que tenta desconstruir a ideia de que os nacionais das Coreias não aspiram à unificação. O evento e o poder de visualidade desta imagem também permitem alterar a ideia da Coreia do Norte, conhecida no Ocidente como um país detentor de armamento nuclear (Khan, 2017). Através do poder visual fotográfico, a presidência de Moon Jae In usou o *soft power* como instrumento de mediação de eventos para os espectadores externos, ou seja, que sabem pouco sobre o contexto da unificação da Península Coreana (Shin, 2014c).

A imagem fotográfica que analisamos também omite factos, tal como Susan Sontag argumenta, “[...] *to photograph is to frame, and to frame is to exclude.*” (Shin, 2014b: 30). O que está “escondido” na imagem fotográfica é toda a audiência na cerimónia. Em especial, na parte da Coreia do Norte destacaram-se 230 membros da claqué feminina que aplaudiram a “Coreia unificada”³³. A presença desta comitiva faz parte do *soft power* da Coreia do Norte nos eventos desportivos, destinada a apoiar todos os atletas das Coreias (Kang, 2018b). Esta foi a quarta vez que os membros da claqué feminina estiveram presentes num evento desportivo na Coreia do Sul. Outro “espectador” omitido remete para a bancada dos representantes dos Estados. A cerimónia contou com a presença de Kim Yo Jong (irmã de Kim Jong Un) e Kim Yong Nam (Presidente da Assembleia Popular Suprema), que estavam sentados atrás do vice-Presidente dos Estados Unidos, Mike Pence (Keh, 2018).

³³ No vídeo da cerimónia de abertura é possível ver os membros da claqué feminina levantados na bancada e a acenar com as bandeiras a equipa Coreia, (Olympic Channel, 2020: 1:22:42). Disponível em <https://bit.ly/3jaWcIJ>.

3.2 A representação da Nação coreana na equipa de hóquei

Na Coreia do Sul, durante o período dos anos 90 até ao início da *Sunshine Policy* (1998), interessava às administrações conservadoras sul-coreanas recorrer ao *soft power* do desporto para a propaganda política de que a Península teria de ser unificada pela absorção da Coreia do Norte (Kang, 2018b). Nesta altura, a visualidade como estratégia política do *soft power* era utilizada pelos governos sul-coreanos para comunicar à sociedade nacional a mensagem de uma possível e próxima unificação da Península pela absorção do Norte (Shin, 2014c; Kang, 2018b). Os desportos coletivos masculinos, como o futebol, eram disputados entre as Coreias com o nome “jogos de unificação” (Kang, 2018b). Os jogos ocorriam com equipas separadas, do Sul e do Norte da Península. Paralelamente, foi nas competições internacionais de desportos coletivos femininos que se formaram as primeiras “equipas unificadas”. Em 1991, o campeonato mundial de ténis de mesa em Chiba, Japão, acolheu a primeira equipa feminina das Coreias (Figura 3).



Figura 3 – A equipa feminina coreana de ténis de mesa. À direita está a atleta sul-coreana Hyun Jung Hwa e à esquerda está a atleta norte-coreana Li Bun Hui. A Coreia derrotou a equipa chinesa por 3:2.
Fonte: Revista Koreana.

Depois de um período de regressão nas relações desportivas após a morte de Kim Il Sung, em 1994, seguindo-se a crise económica na Coreia do Norte, o consenso social em torno da unificação nacional só começou a ser introduzido no desporto a partir de 1998, com o início da *Sunshine Policy* na Coreia do Sul (Kang, 2018b). Na atual presidência de Moon Jae In retemos que, se através da construção de uma possível imagem de unificação das Coreias o ato de ver se tornasse uma forma de saber, futuramente poderia contribuir para a

alteração da posição da sociedade sul-coreana sobre a unificação da Península (Shin, 2014b). A formação de uma equipa “unificada” de hóquei feminino no gelo servia este propósito.

Todavia, inicialmente a presidência de Moon Jae In propôs publicamente apenas a participação da Coreia do Norte nos Jogos Olímpicos de PyeongChang. A construção de uma equipa de hóquei no gelo só foi mencionada oficialmente no decorrer das negociações entre as comitivas das Coreias (Olympic Organization, 2018). Em 2017, o questionário do *Korea Institute for National Unification* pediu aos inquiridos para avaliarem numa escala de 1 a 10 se concordavam ou não com a necessidade de promover mais interações socioculturais, desportivas e outras entre os cidadãos da Península Coreana. Na resposta à alínea “*We need to expand sports, culture and human exchanges with North Korea.*” (Lee, 2019c: 44), a maioria respondeu positivamente, 62.%. Conjugando este interesse com o “termómetro de respostas”³⁴ de Arveseth (2017), podemos afirmar que a proposta do governo de Moon Jae In sobre a construção de uma equipa de hóquei no gelo conjunta com a Coreia do Norte poderia surtir um impacto positivo na sociedade sul-coreana. Acontece que vários fatores levaram ao distanciamento entre a opinião pública e a proposta do governo.

O primeiro fator foi a perda da legitimidade democrática do governo para construir a equipa feminina de hóquei no gelo, porque o parecer da opinião pública se tornou negativo. A edição dos Jogos Olímpicos de Inverno, em 2018, recebia pela primeira vez a representação da Coreia do Sul na modalidade do hóquei feminino no gelo (Kang, 2018b). Na Coreia do Sul este desporto não é popular, assim como não tem o apoio de clubes desportivos, apenas está representado na equipa nacional. Contrariamente, o hóquei masculino no gelo é apoiado por clubes e compete em ligas oficiais. Desde 1998 que esta modalidade na representação feminina enfrenta dificuldades na Coreia do Sul (Kang, 2018c). A primeira vez que foi criada uma equipa de hóquei feminino no gelo foi com o propósito de a Coreia do Sul receber os Jogos de Inverno da Ásia em 1999. Até ao momento não existiam equipas oficiais nesta modalidade. Assim, a equipa formada nos anos 1990 foi igualmente ridicularizada pelo público devido ao propósito da sua formação e o processo de seleção. Foram escolhidas atletas qualificadas noutras modalidades desportivas no gelo,

³⁴ Recorde-se que quanto maior é o interesse da opinião pública, maior é a necessidade de resposta política do governo, e vice-versa (Arveseth, 2017).

como patinagem de velocidade (*speed skating*), patinagem artística, entre outras³⁵ (Kang, 2018c).

No entanto, em 2018 o orgulho de representar a Coreia do Sul neste desporto era sentido pela opinião pública, uma vez que durante as negociações entre as comitativas para a criação de uma equipa unificada entre as Coreias, a maioria não concordava com a proposta do governo de Moon Jae In. O estudo conduzido pelo canal de televisão sul-coreano SBS apurou que 72.2% dos inquiridos rejeitavam a inclusão da Coreia do Norte na equipa feminina de hóquei no gelo (Kim, 2018f). As jogadoras e a treinadora da equipa, Sarah Murray, encararam a proposta do governo como uma decisão política e injusta. Numa entrevista ao jornal sul-coreano *Chosun Ilbo* uma das atletas afirmou as dificuldades no processo de entrada nos Jogos Olímpicos de Inverno: “*All of us had to give up something in our lives, but we’ve been striving toward one goal – to play in the Olympics.*” (Joo, 2018). A integração de 22 atletas norte-coreanas foi uma decisão unilateral sugerida pelo governo de Moon Jae In à comitativa norte-coreana e formalizada no Comité Olímpico. A equipa sul-coreana só foi consultada após o acordo decisivo entre as comitativas das Coreias, um mês antes do início dos Jogos (Joo, 2018).

Assim, o segundo fator que distanciou a opinião pública foi a postura do governo de Moon na forma como geriu e apresentou a sua proposta. A decisão do governo de Moon recebeu uma reação negativa devido ao orgulho que os sul-coreanos sentiam na representação nacional nesta modalidade e pela empatia com as atletas. Consequentemente, as alegações de algumas figuras políticas de renome, feitas durante a formação da equipa, contribuíram de igual forma para a oposição da opinião pública. A observação que recebeu muitas críticas foi a do Primeiro-ministro Lee Nak Yon, que desvalorizou a equipa de hóquei feminina sul-coreana nestes termos: “*Speaking honestly, the women's ice hockey team is not going to win a medal during the Olympics, is it?*” (Kang, 2018c). Um dos artigos do jornal sul-coreano *Korea Times*, publicado em janeiro de 2018, apurou os comentários mais visualizados ao artigo escrito em coreano, que incluía estas alegações do Primeiro-ministro. O comentário do usuário com maior destaque foi: “*Is this a sport or politics? The Olympics is not a political event.*” (Kang, 2018c). Outro usuário publicou, “*What are we going to host, PyeongChang or Pyongyang?*” (Kang, 2018c).

³⁵ O filme *Take Off 2*, estreado em 2017, retrata os desafios da equipa de hóquei feminina no gelo criada em 1998 (Kang, 2018c).



Figura 4 - Equipa de hóquei no gelo feminino da Coreia unificada. A Coreia perdeu por 4: 1 contra o Japão. Fonte: Koreana.

No decorrer dos Jogos Olímpicos de PyeongChang a equipa de hóquei unificada, com o nome KOREA, teve três jogos: um contra o Japão, outro contra a Suécia e ainda com a Suíça. Na Figura 4 observamos a equipa feminina unificada de hóquei no gelo durante o jogo contra o Japão. O conteúdo fotográfico que observamos na Figura 4 não é neutro. Através desta fotografia é possível afirmar que estamos perante um momento influenciado e criado pelo governo de Moon para visualizar uma mensagem (Bate, 2009). Analisando esta equipa à luz do Construtivismo social, trata-se da reprogramação da identidade coreana (Choi, 2010). Justamente, a presidência de Moon Jae In tentou substituir a ideia da relação das Coreias como dois Estados diferentes pela ideia de identidade étnica. Através da imagem fotográfica vemos a mensagem de uma Coreia igualitária, que partilha a mesma história. O jogo entre a Coreia e o Japão é peculiar neste sentido. Dias antes do torneio contra o Japão, uma atleta sul-coreana da equipa ‘KOREA’ expressou a vontade de a vitória contra o Japão ter um significado superior ao espírito desportivo nos Jogos Olímpicos: “*The North Korean*

athletes also feel the same as us, and we all told each other that we're going to have to win this next game against Japan no matter what.” (Kook, 2018). Através dos comentários desta jogadora, conseguimos perceber que este evento manipulou e alterou indiretamente o espírito de equipa e a forma como as jogadoras se posicionam quanto a uma identidade comum, que simboliza a unificação nacional. Parece que, por momentos, nos afastámos dos Jogos Olímpicos e fomos redirecionados, que só importa a derrota do Japão. O evento fotografado, assim como as alegações desta atleta, correspondem indiretamente ao espírito *minjung*, pois relembram a sociedade sul-coreana e o leitor deste objeto visual que os cidadãos coreanos são o pulmão da unificação (Speirs, 2005). Correspondem igualmente à ideia de identidade étnica, defendida pelos “presidentes *Sunshine*”, na qual é um dos pressupostos que une os nacionais das Coreias.

A fotografia também informa o leitor acerca da história da Coreia (Bate, 2009). Escolhemos esta fotografia propositadamente, porque o jogo contra o Japão era importante, visto que as atletas da Coreia estavam perante um adversário que durante 35 anos ocupou a Península. Devido à experiência colonial japonesa na Coreia, sempre que há competições desportivas ou de outro tipo contra o Japão, os coreanos tentam ganhar.

Na Figura 4 também conseguimos perceber que o objetivo do governo de Moon e do uso do *soft power* foi construir e promover, através desta equipa, um espírito de comunidade entre as atletas (Maxwell, 1996). A divisão nacional tornou-se artificial e os nacionais das Coreias trabalharam em grupo para derrotar as equipas adversárias. O ângulo fotográfico também nos permite afirmar que se trata de uma camuflagem da divisão nacional, visto que não conseguimos identificar a nacionalidade das atletas coreanas (Gil, 2011). Talvez para um espectador com pouco conhecimento sobre os nomes coreanos é fácil ser “enganado” visualmente, devido à dificuldade em distinguir as atletas pelo equipamento desportivo (Bate, 2009).

Finalmente, deparámo-nos com um pormenor omitido visualmente na Figura 4, os espectadores, em particular os norte-coreanos (Shin, 2014b). Todos os jogos da equipa ‘KOREA’ tiveram a presença da claque norte-coreana, que apoiou com cânticos e coreografias, “*Go Korea!*” (Arirang News, 2018a: 1:23). Apesar de estes membros não estarem visualmente presentes, importa mencionar a sua presença, pois apoiaram a Coreia unificada. No decorrer dos Jogos Olímpicos de Inverno, observámos que os membros da claque também tiveram um papel importante na “propaganda” de unificação da Península.

Representaram a importância da unificação para os norte-coreanos. Por exemplo, durante uma visita à cidade Gangneung, quando um dos membros foi interceptado por um jornalista, comentou: “*(seeing South Korea), I can strongly feel that we are one. I hope we can bring ourselves together and build a united country. I believe it’s what everyone wishes for.*” (Arirang News, 2018b: 1:11).

Sumariamente, no capítulo 2 explicámos os fatores sociais que levaram a presidência de Moon Jae In a destacar na sua política de unificação nacional o atenuar do distanciamento da opinião pública sobre a unificação e, principalmente, prevenir que este fator progredisse nas gerações seguintes (Ministry of Unification, s/d a). Neste capítulo, observámos o impacto da política de unificação a nível nacional durante o processo de preparação dos Jogos Olímpicos de PyeongChang. Face aos nossos casos de estudo, consideramos que a presidência de Moon Jae In teve mais sucesso na promoção do consenso social para a coexistência pacífica das relações diplomáticas entre as Coreias e a nível nacional, na alteração da imagem negativa associada à Coreia do Norte, durante a cerimónia de inauguração dos Jogos (Arirang Issues, 2018).

Por outro lado, esta presidência foi menos bem-sucedida no apoio da sociedade sul-coreana sobre a representação de uma Nação unificada na equipa de hóquei feminino no gelo unificada ou KOREA (Kim, 2018f). Este facto explica-se pelas reações da opinião pública perante a inclusão das atletas norte-coreanas na equipa de hóquei no gelo feminino sul-coreano, e na forma como o governo apresentou publicamente os processos de negociação entre as comitativas desportivas das Coreias (Kook, 2018). No entanto, durante o decorrer dos Jogos Olímpicos de PyeongChang observámos que através da equipa feminina de hóquei no gelo unificada algumas reações mudaram, em destaque estiveram as atletas sul-coreanas (Kook, 2018). Consideramos que este facto pode estar associado aos resultados da experiência e convivência entre as atletas sul-coreanas e a treinadora Sarah Murray com as atletas norte-coreanas (Yu, 2014).

Conclusão

A primeira conclusão que retiramos sobre o impacto da política de unificação de Moon Jae In é a seguinte: na cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de PyeongChang, esta presidência conseguiu alterar a imagem e ideia de hostilidade associada à Coreia do Norte. Através da imagem fotográfica que ilustra este momento, observámos a seguinte construção social: a coexistência pacífica entre as Coreias. Esta foi apoiada pela narrativa do governo de Moon de que é necessário unificar a Península Coreana. No entanto, através da equipa feminina de hóquei no gelo, a presidência de Moon obteve menos sucesso na criação de condições que apelassem à unificação nacional e que atenuassem o decrescente interesse da opinião pública no apoio à unificação da Península Coreana (Kim, 2018f).

Segundo, através do estudo de opinião pública do *Korea Institute for National Unification* concluímos que a identidade étnica associada à unificação nacional está a perder valor como o pressuposto que une os nacionais das Coreias (Lee, 2019c). Consideramos que este fator ocorre devido à mudança dos interesses da opinião pública sul-coreana, principalmente das gerações que nasceram no período de consolidação democrática, que viveram a crise do FMI e na idade adulta estiveram sujeitos à ideia e imagem de hostilidade associada à Coreia do Norte (Moon, 2020b). Concordamos em parte com a opinião de Kim Ji Yoon (citado em Moon, 2020b), quando justifica que este aspeto se deve a eventos ou momentos que geram em particular uma memória nas gerações. Porém, tal não implica que seja impossível mudar a opinião pública. Durante a competição Olímpica de hóquei no gelo entre a Coreia e o Japão, observámos que uma das atletas sul-coreanas alegou que a equipa partilhava os mesmos objetivos: a vitória contra o Japão. Podemos afirmar que a inclusão dos nacionais na experiência da propaganda de unificação nacional da presidência de Moon conseguiu alterar a imagem sobre os norte-coreanos em certas instâncias (Yu, 2014). No entanto, com o apoio dos dados empíricos acrescentamos que o desafio da opinião pública perante as representações de uma Nação coreana irá persistir para os próximos Presidentes que incluírem a identidade étnica (Lee, 2019c).

Todavia, se não existir a propaganda de uma imagem conciliatória entre os nacionais das Coreias e o atenuar das tensões militares na Península, futuramente o desejo de unificar poderá ter ainda menos valor para a sociedade (Moon, 2012a). Neste sentido, apresentamos a terceira conclusão, que retemos sobre o impacto da política de unificação nacional de Moon Jae In na sociedade sul-coreana, face à equipa de hóquei no gelo unificada e a cerimónia

inaugural. Apesar de algum distanciamento da opinião pública perante as decisões políticas do governo de Moon, a visualidade conferida nas fotografias emitiu aos espectadores (escondidos nas imagens) e ao leitor que a unificação nacional das Coreias foi e é possível no futuro. As divisões tangíveis ao olhar, que podemos associar aos equipamentos desportivos ou às bandeiras nacionais, foram “escondidos” (Bate, 2009). O governo de Moon conseguiu, de forma clara e pacífica, passar a mensagem de que os nacionais das Coreias são o pulmão da unificação (Lee, 2007e).

Após os Jogos Olímpicos de PyeongChang e até ao fim do ano de 2018, assistimos a uma série de iniciativas de diálogos entre as comitivas coreanas, inclusive três cimeiras entre os chefes de Estado. A cimeira em Panmunjom (abril, 2018) foi a mais importante para a história da Coreia, sendo a primeira vez em que um líder norte-coreano entrou no território nacional sul-coreano. Nela, assinatura da Declaração Panmunjom instaurou oficialmente a paz na Península Coreana (Moon, 2019c). Manteve-se igualmente o uso dos instrumentos de *soft power* para passar a mensagem de unificação nacional, não só no desporto, mas também noutras áreas socioculturais (Ministry of Unification, 2019c).

Aqui chegados, pretendemos continuar a contribuir academicamente para aprofundar os conhecimentos sobre a unificação nacional da Península Coreana, representada não só no desporto, mas também nos dramas televisivos, como *Crash Landing on You*. Temos igual interesse em explorar outros temas para além da unificação nacional da Península Coreana. Na Coreia do Sul, veja-se o caso da influência e o impacto político-governativo para a publicação de livros como *Human Acts*, ou filmes, como *The Taxi Driver*. Ambos narram de forma silenciosa (livro) e sonora (filme), a partir da posição da sociedade sul-coreana, o impacto do regime autoritário de Chun Doo Hwan (1980 – 1988) durante o *Gwangju uprising*. Os acontecimentos na cidade de Gwangju contribuíram para a instauração da democracia na Coreia do Sul.

Índice de figuras

Figura 1 - A equipa norte-coreana no FIFA World Cup de 1966, em Inglaterra, que defrontou Portugal, perdendo por 5 – 3. Fonte: Pinterest.....	43
Figura 2 - Desfile dos atletas das Coreias na cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pyeong Chang, 2018. Fonte: Organização dos Jogos Olímpicos.	46
Figura 3 – A equipa feminina coreana de ténis de mesa. À direita está a atleta sul-coreana Hyun Jung Hwa e à esquerda está a atleta norte-coreana Li Bun Hui. A Coreia derrotou a equipa chinesa por 3:2. Fonte: Revista Koreana.	50
Figura 4 - Equipa de hóquei no gelo feminino da Coreia unificada. A Coreia perdeu por 4: 1 contra o Japão. Fonte: Koreana.	53

Índice de gráficos e tabelas

Gráfico 1 – Opinião pública e apoio à Unificação Nacional (2007 – 2019). Fonte: Dados do Korea Institute for National Unification (Lee, 2019c).	38
Tabela 1 – Percentagem dos inquiridos que não concordam que os norte e sul-coreanos partilham uma identidade étnica. Fonte: Dados do Korea Institute for National Unification (Lee, 2019c).....	39

Bibliografia

Anderson, Benedict (2006), *Imagined Communities Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, Londres: Verso.

Arveseth, Andrew (2017), *Public Opinion and Advocacy in South Korea Influence North Korea Policy*, (Tese de Mestrado). Retirado em, The Faculty of The Elliott School of International Affairs of The George Washington University.

Axelblom, Alec. (2017), *Republic of Korea's Sunshine Policy: The sweeping fall in support for the Sunshine Policy and the role of the Ministry of Unification during the tumultuous Sunshine years*, (Tese de Mestrado). Retirado em Lund University, Center for East and South-East Asian Studies.

Azenha, Tatiana Sofia Fonseca (2017), Para além do silêncio: o sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das mulheres de conforto na Coreia do Sul (1905 – 2015), (Tese de Mestrado). Retirado em, Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em Estudos Asiáticos.

Bate, David (2009), *Photography The Key Concepts*, Oxford: Berg.

Bennet, Bruce W (2018), *Alternative Paths to Korean Unification*, Santa Monica: RAND Corporation.

Burgin, Victor (1988), «Looking at photographs. Looking at Photographs», Burgin, Victor (autor do livro) *Thinking photography*, Londres: Macmillan education, pp. 32 – 83.

Cho, Han-Bum (2019) a, The concept and direction of the New Korean Peninsula Regime, [Online Series], *Korea Institute for National Unification*, pp.1-11.

Cho, Young Chul (2011) b, «North Korea's Nationalist Discourse: A Critical Interpretation», *Korea Observer*, Vol. 42, N2, pp. 311 – 343. Disponível em, <https://bit.ly/2YycHqQ>

Choi, Jong Kun (2010), «Sunshine over a Barren Soil: The Domestic Politics of Engagement Identity Formation in South Korea», *Asian Perspective*, Vol. 34, No.4, pp. 115 – 138. Doi: <https://doi.org/10.1353/apr.2010.0008>

Chun, Kyung Hyo (2020), «Representation and Self-Presentation of North Korean Defectors in South Korea: Image, Discourse, and Voices», *Asian Journal of Peacebuilding*, Vol. 8, N. 1, pp.93 –112, Seoul: The Institute for Peace and Unification Studies, Seoul National University. Doi: 10.18588/202005.00a124

Chung, Jae Won Edward (2020), «Maps of Life and Abjection: Reportage, Photography, and Literature in Postwar Seoul», *The Journal of Asian Studies*, Vol. 79, No. 2, pp. 335–365.

Doi: <https://doi.org/10.1017/S002191181900069X>

Delissen, Alain (2015), «The end of romanticism: teaching the “other” Korea in the Sunshine era», Gelézeau, Ceuster, Koen De, Delissen, Alain (autores) *De-Bordering Korea, Tangible and intangible legacies of the Sunshine Polic*, Oxon: Routledge. Pp. 201 – 218.

Dong, Sun Hwa (2020, Janeiro 23), Drama 'Crash Landing on You' accused of glamorizing North Korea. *Korea times*. Disponível em, <https://bit.ly/2YQjkFg>

Epstein, Stephen (2009), «The Axis of Vaudeville: Images of North Korea in South Korean Pop Culture», *The Asia-Pacific Journal*, Vol. 7, No.2, pp. 1 – 22. Disponível em, <https://bit.ly/32LaERO>

Flamm, Patrick (2018), «No Country for Blue Helmets: South Korean National Identity on the Screen in 'Descendants of the Sun'», *The Asia-Pacific Journal*, Vol. 16, N.3, pp. 1 – 14. Disponível em, <https://bit.ly/2TrcrXS>

Gil, Isabel Capeloa (2011), *Estudos sobre a inquietude das imagens*, Lisboa: Edições 70.

Guo, Yingjie (2004), «Rethinking nation and nationalism: concepts, positions and approaches», Guo, Yingjie (autor) *Cultural Nationalism in contemporary China. The search for national identity under reform*, Londres: Routledge Curzon, pp. 9 – 24.

Hall, Stuart (2000), «Who needs identity?», Du Gay, Paul., Evans, Jessica e Redman, Peter (autores) *Identity: a reader*, Londres: Edições Sage, pp. 15 – 30.

Han, Kyung Koo (2007), «The Archaeology of the Ethnically Homogeneous Nation-State and Multiculturalism in Korea», *Korea Journal*, Vol.47, N.4, pp. 8 – 32. Doi: 10.25024/kj.2007.47.4.8

Hannes, Mosler, Chang, Hee Kyoung (2019), «Namnamgaldüŋ - Partisan Media Framing of Political Polarization in South Korea», *Korea Observer*, Institute of Korean Studies, Vol. 50, N. 3, pp. 331-354. Doi: <https://doi.org/10.29152/KOIKS.2019.50.3.331>

Howe, Brendan M (2018), «Korea’s Role for Peacebuilding and Development in Asia», *Asian Journal of Peacebuilding*, The Institute for Peace and Unification Studies, Vol. 5, No. 2, pp. 243 – 26. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10371/138433>

Ho, Shawn (2018), «Pyeongchang Winter Olympics. What's Behind the Korean Unification Flag?», *Rajaratnam School of International Studies*, pp. 1 – 3. Disponível em: <https://bit.ly/3oS9xJY>

Horton, Hannah (2020), *North and South Korea: division by constructions North and South Korea: division by constructions*, (Tese de Mestrado), University of Tennessee, Political Science.

Joinau, Benjamin (2015), «Sleeping with the (Northern) enemy: South Korea cinema and the autistic interface», Gelézeau, Ceuster, Koen De, Delissen, Alain (autores) *De-Bordering Korea, Tangible and intangible legacies of the Sunshine Policy*. Oxon: Routledge. Pp. 186 – 200.

Joo, Hyung Sik (2018, Janeiro 19), Women's Ice Hockey Goalie Speaks out. *Chosun Ilbo*. Disponível em, <https://bit.ly/3jt0ICF>

Kang, Soon Won (2018) a, «The Limits and Possibilities of Unification Education as Peace Education beyond Division in South Korea», *Asian Journal of Peacebuilding*, Vol.16, N.1, pp. 133 – 156. Disponível em, <http://hdl.handle.net/10371/142684>

Kang, Young Pil, et al, (Eds.) (2018) b, Prelude to Peace, inter-Korean Détente in Popular Culture (Special Feature), *Koreana, Korean Culture and Arts*, 32 (2).

Kang, Hyun Kyung (2018, Janeiro 19) c, How hockey became South Koreans' dear sport, *The Korea Times*. Disponível em, <https://bit.ly/3jlOZFY>

Kang, Myung Koo, Kim, Hae Yeon (2019) d, «Global and Local Intersection of the 2018 PyeongChang Winter Olympics», *International Journal of Japanese Sociology*, pp. 110 – 127. Doi: 10.1111/ijjs.12089.

Keh, Andrew, Mather, Victor, Park, Haetoun, (2018, Fevereiro 9), Winter Olympics 2018 Opening Ceremony: Highlights and Analysis, *The New York Times*. Disponível em, <https://nyti.ms/3dii43N>

Khan, Zafar (2017), «North Korea's Growing Nuclear Threat: Implications for the U.S. Extended Deterrence in the East Asian Region», *International Journal of Korean Unification Studies*, Vol. 26, N. 2, pp. 139 – 166. Disponível em, <https://bit.ly/3dGHbgB>

Kim, Choong Nam (2017) a, *The Korean Presidents, Leadership for nation building*. Reino Unido: Eastbridge Books.

Kim, Young Ho (2018) b, «Bureaucratic Politics in South Korean Foreign Policy Making, Domestic Constraints on South Korean Foreign Policy», *Council of Foreigner Relations*, pp. 20 – 37. Disponível em, <https://on.cfr.org/32jSLsW>

Kim, Nam (2016) c, *Memory, Reconciliation, and Reunions in South Korea: Crossing the Divide*. Londres: Lexington Books.

Kim, Ji Yoo (2015) d, «National Identity under Transformation: New Challenges to South Korea», Rozman, Gilbert (autor) *Asia's Alliance Triangle, US – Japan – South Korea Relation at a Tumultuous Time*,. Hampshire: Palgrave Macmillan, pp. 204 – 217.

Kim, Ji Yoon, et all (2015) e, «South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification», *Public opinion studies program, ASAN Report*, pp1 – 26. Disponível em, <https://bit.ly/2QpC2yT>

Kim, Ji Yoon, Kim, Kil Dong, Kang, Chun Gku (2018) f, «South Korean Youths' Perceptions of North Korea and Unification», *The Asan Institute for Policy Studies*, pp. 1 – 14. Disponível em, <http://en.asaninst.org/contents/43527/>

Koo, Sun Hee (2016), «Reconciling Nations and Citizenship: Meaning, Creativity, and the Performance of a North Korean Troupe in South Korea», *The Journal of Asian Studies*, Vol. 75, No. 2, pp.387 – 409. Doi: <https://doi.org/10.1017/S0021911815002077>

Kook, Anna, (2018 Fevereiro 13), Korean unified women's hockey team: Beating Japan would 'gift happiness to our people, *USA Today Sports*. Disponível em, <https://bit.ly/3nHliCt>

S/a. Korea net (2018), Peace, a new start. 2018 inter-korean summit, pp. 1 – 32.

Lee, Kyu Young (2011) a, «A Comparison between Neue Ostpolitik and the Sunshine Policy: Implications or the Stability on the Korean Peninsula», *New Asia*, NARI, Vol. 18, No. 1, pp.44 – 77.

Lee, Eun Jeung (2018) b, «Dealing with Unification: The Politics of Fear», Mosler, Hannes, Lee, Eun Jeung, Kim, Hak Jae (autores), *The Quality of Democracy in Korea*, Palgrave Macmillan, pp. 261 – 275.

Lee, Sang Sin (2019) c, Changes and Trends of Perception on Unification, em KINU Unification Survey 2019: Realistic Outlook and Persistent Confidence, *Korea Institute for National Unification*.

Lee, Seong Hyon (2017) d, Moon Jae-in's Foreign Policy & Roh Moo-hyun's Shadow (Special Forum), *The Asan Forum*.

Lee, Nam Hee (2007) e, *The making of Minjung*, Nova Iorque: Cornell University Press.

Maxwell, Judith (1996), «Social Dimensions of Economic Growth», *University of Alberta*, pp. 1 – 26.

Ministry of Unification (sem ano) a, “Moon Jae In’s Policy on the Korean Peninsula, A peninsula of peace and prosperity”, 1 – 36. Disponível em, <https://bit.ly/2QrvsYA>

Ministry of Unification (sem ano) b, “Three Goals”, Moon Jae-in’s Policy on the Korean Peninsula. Disponível em, <https://bit.ly/2LjoiDc>

Ministry of Unification (2019) c, «Inter-Korea social and cultural exchanges», *Unification White Paper*, pp. 170 – 184.

Moon, Chung In (2012) a, *The Sunshine Policy in defense of engagement as a path to peace in Korea*, República da Coreia: Yonsei University Press, 1ª E.d.

Moon, Chung In, Moon Jae M (2020) b, *Handbook of Korean Politics and Public Administration*, Nova Iorque: Routledge.

Moon, Chung In (2019) c, President Moon Jae-in and the Korea Peace Initiative, *Asian Perspective*. Disponível em, <https://bit.ly/2LpcbEC>

Nau, Henry (2019), «Ideas and the Construction of Identities», Nau, Henry (autor) *Perspectives on International Relations. Power, Institutions, and Ideas*, 6ª Edição, Canadá: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, pp. 133 – 135.

Nye, Joseph (2004), «Soft Power and American Foreign Policy», *Political Science Quarterly*, Vol.119, N2, pp.255 – 270.

Opoku, Alex, et al (2016), «Choosing an appropriate research methodology and method», Ahmed, Vian, Opoku, Alex, Aziz Zeeshan (autores) *Research Methodology in the Built Environment, A selection of case studies*, Londres: Routledge Tylor and Francis Group, pp. 32 – 49.

Olympic Organization (2018, 20 Janeiro), “Athletes from the National Olympic Committee of DPRK to compete in Figure Skating, Short Track Speed Skating, Cross Country Skiing and Alpine Skiing – and in a Unified Women’s Hockey Team.” Disponível em, <https://bit.ly/3kAe7do>

Park, Juhwa (2017) a, Findings and Implications of Survey into People’s Perception on Unification, [Online Series], *Korea Institute for National Unification*, pp. 1 – 7.

Park, Su Ji, Park Soo Jin, Ko Han Sol (2017, Maio 10) b, Candlelight citizens celebrate Moon’s election as their victory, *Hankyoreh*. Disponível em, <https://bit.ly/2ZDgmnQ>

Park, Byong Bu (2018, Janeiro, 22) c, [Reporter's Notebook] Mixed public response to unified Korean hockey team shows how perception of North Korea has changed, *Hankyoreh*. Disponível em <https://bit.ly/34uHMxO>

Pardo, Ramon Pacheco (2020), «South Korea and the PyeongChang Olympic Games: Rising Power No More», *SNU, Diverse Asia*. Disponível em, <http://diverseasia.snu.ac.kr/?p=363>

Rich, Timothy, Eliassen, Isabel (2018, Novembro, 27), Is a Joint Korean Olympics Possible – or Desirable? *The Diplomat*. Disponível em, <https://bit.ly/2Ezxy6r>

Ribeiro, João Ruela (2018, Janeiro 17), Coreias entram nos Jogos Olímpicos sob a mesma bandeira, *Público*. Disponível em, <https://bit.ly/3dnPApo>

Seong, Koo Ham (2017) a, A study on change and determinants of South Koreans' Perceptions of Unification, *MPA/MPP Capstone Projects*, pp. 1 -32.

Seong, Ok Yoo (2019) b, «ROK's Unification Policy to Overcome National Division», Nam, Sung Wook, et all. (autores) *South Korea's 70-Year Endeavor for Foreign Policy, National Defense, and Unification*. Singapura: Palgrave Macmillan, pp. 151 – 219.

Shin, Gi Wook, Park, Soon Won, Yang, Daqing (2007) a, *Rethinking Historical Injustice and Reconciliation in Northeast Asia, The Korean experience*, Oxon: Routledge.

Shin, David (2014) b, «Approaching and analyzing visual representation», David Shin (autor) *Visual Politics and North Korea, Seeing is believing*, Oxon: Routledge, pp. 9 – 46.

Shin, David (2014) c, «Practices of looking and North Korea», David Shin (autor) *Visual Politics and North Korea, Seeing is believing*, Oxon: Routledge, pp. 47 – 56.

Shin, Gi Wook (2006) d, «Division and Politics of National Representation», Gi Wook Shin (autor) *Ethnic Nationalism in Korea: Genealogy, Politics, and Legacy* (Versão Kindle), Califórnia: Studies of the Walter H. Shorenstein, Asia-Pacific Research Center, pp. 1942 – 2134.

Shin, Gi Wook, Moon Rennie (2017) e, «South Korea after impeachment», *Journal of Democracy*, Vol. 28, No.4, pp. 117 – 131. Doi: <https://doi.org/10.1353/jod.2017.0072>

Smith, Josh, Kim, Jeong Min (2018, Outubro 21) a, North Korea's box of bones: A mythical king and the dream of Korean unification, *Reuters*. Disponível em, <https://reut.rs/34TRcFd>

Smith, Anthony (1991) b, *Myths and Memories of the Nation*, Nova Iorque: Oxford University Press.

Sohn, Ji Young (2018, Fevereiro 9), South Koreans divided on united flag march at PyeongChang Olympics, *Korea Herald*. Disponível em, <https://bit.ly/3gKkt7c>

Sung, Minkyu (2017), «Surveillance and Anti-Communist Authoritarianism in South Korea», *Surveillance and Society*, Ulsan National Institute of Science and Technology, Vol. 15, No.3, pp. 486 – 490. Doi: <https://doi.org/10.24908/ss.v15i3/4.6592>

Speirs, Ronald, Breuilly, John (2005), «The concept of National Unification», Ronald Speris, John Breuilly (autores) *Germany's two unifications. Anticipations, Experiences, Responses*, Nova Iorque: Palgrave Macmillan, pp. 1 – 26.

Theys, Sarina (2018), «Introducing Constructivism in International Relations Theory», *E-International Relations*. Disponível em, <https://bit.ly/3fqeR24>

Virella, Kelly (2018, Fevereiro 8), What South Koreans Really Think of the Olympic Thaw, *The New York Times*. Disponível em, <https://nyti.ms/31BH69V>

Viagas, Damian Gonzalez (2017), *Trustpolitik on the Korean Peninsula: Successes, Failures, and Future Perspectives*, (Tese de Mestrado). Retirado em, Graduate School of International Studies, Korea University, pp.1-47.

Wagner, Wolf (2015), «Unification by Absorption or by Incrementalism (Sunshine Policy)? A Comparative Enquiry 25 Years after German Reunification», *Institute for Social Development and Policy Research, Center for Social Sciences*, Seoul National University. Vol.44, No. 1, pp. 167 – 189. Disponível em <https://bit.ly/2CYJrlx>

Yang, Chang Seok (2016), «Review of Previous ROK Government Policies for Reunification and Future Policy Options in View of German Reunification», *The North Korea Instability Project*, US-Korea Institute, pp. 1–31. Disponível em, <https://bit.ly/2uPOctv>.

Yoo, Seong Ok (2019), «ROK's Unification Policy to Overcome National Division», , Nam Sung Wook et al (autores) *South Korea's 70-Year Endeavor for Foreign Policy, National Defense, and Unification*, Singapura: Palgrave Macmillan, pp. 151 – 219.

Yu, Kwang Gil, Park, Seong Yong (2014), «Selection and concentration strategy in the sports exchange between North and South Korea», *Journal of Asian Public Policy*, pp. 1 – 15. Doi: <https://bit.ly/36WdDdR>

Videografia

Arirang Issues, (2018), *A Road to Peace, The Origin of Korean Unification Flag* [Vídeo]. Disponível em, <https://bit.ly/34eEmQT>

Arirang News, (2018) a, *Unified Korean hockey team lose first match, but crowds enthusiastic*, [VÍdeo]. Disponível em, <https://bit.ly/3e1KajX>

Arirang News, (2018) b, *N. Korean cheering squad sightseeing in Gangneung on Tuesday*, [VÍdeo]. Disponível em, <https://bit.ly/3jwOM2L>

Global Peace Foundation, (2015), *Michael Marshall Speaks About Hongik Ingan at the Korea Unification Forum*, [VÍdeo]. Disponível em, <https://bit.ly/3joNBmw>

Olympic Channel, (2020), *PyeongChang 2018 Opening Ceremony*, [VÍdeo]. Disponível em, <https://bit.ly/3jaWcIJ>

Lista de Fotografias

[PyeongChang 2018, Opening ceremony], (2018), Photos, Olympic Organization, Getty Images.

[North Korea vs Portugal], (S/a.), 1966 World Cup Press Photographs, Pinterest.

[Equipa de ténis de mesa unificada], (2018), Special Feature 3, Prelude to Peace: Inter-Korean Détente, New turning point for sports exchange, Koreana.

[Equipa de hóquei no gelo feminino da Coreia unificada], (2018), Special Feature 3, Prelude to Peace: Inter-Korean Détente, New turning point for sports exchange, Koreana.

Lista de Mapas

Perry-Castañeda Library, Map Collection, The University of Texas at Austin, (2011), Mapa da Península Coreana. Disponível em <https://bit.ly/2TCwXVr>

Perry-Castañeda Library, Map Collection, The University of Texas at Austin (2013), Mapa da Ásia Oriental. Disponível em, <https://bit.ly/3jGEqh0>

Ministry of Culture, Sports and Tourism, (2018), Joseon (15th Century). Disponível em, *Facts about Korea*. Galmae-ro: Korea Culture and Information Service.

Anexos

Anexo A. Mapa da Península Coreana



Mapa 1 – A Península Coreana.

Seul é a capital da Coreia do Sul. Pyongyang é a capital da Coreia do Norte.

Fonte: Perry-Castañeda Library.

Anexo B. Mapa da Dinastia Joseon (1392 – 1910)



Mapa 2 – A Península Coreana na Dinastia Joseon (séc. XV).

A dinastia Joseon foi a última na Coreia até à invasão japonesa da Península. A Capital da Coreia era Hanyang, atual Seul.

Fonte: Ministry of Culture, Sports and Tourism.

Anexo C. Mapa da Ásia Oriental



Mapa 3 – A Ásia Oriental.

Fonte: Perry-Castañeda Library.

Anexo D. Quadro 1 – As políticas de unificação na Península Coreana (1998 – presente)

Contexto político nacional sul – coreano	Líderes da Coreia do Norte e política de unificação	Presidentes da Coreia do Sul e políticas de unificação
Consolidação democrática (início: 1998)	Kim Jong Il (1994 – 2011): <i>Democratic Confederal Republic of Koryo</i> Kim Jong Un (2011 – Presente): continuação da <i>Democratic Confederal Republic of Koryo</i>	O início dos mandatos <i>Sunshine</i>: Kim Dae Jung (1998 – 2003) – <i>Sunshine Policy</i> Roh Moo Hyun (2003 – 2013) – Política de Paz e Prosperidade Comum
		A rescisão da <i>Sunshine Policy</i>: Lee Myung Bak (2008 – 2013) – <i>Vision 3000 through denuclearization and openness policy</i> Pak Geun Hye (2013 – 2017) – <i>Trustpolitik</i>
		O regresso da <i>Sunshine Policy</i>: Moon Jae In (2017 – presente) – Política de Unificação de Moon Jae In para a Coreia do Norte

Anexo E. Quadro 2 – A adaptação das políticas de unificação dos “Presidentes *Sunshine*”: Kim Dae Jung, Roh Moo Hyun e Moon Jae In.

A organização do cronograma foi realizada por ordem de preferência dos princípios e objetivos políticos, com base em duas obras de grande importância para o tema da unificação das Coreias, a saber: *The Sunshine Policy in defense of engagement as a path to peace in Korea* (Moon, 2012a) e *Handbook of Korean Politics and Public Administration* (Moon, 2020b). O ponto designado visão corresponde à nossa interpretação sobre as políticas de unificação dos Presidentes.

Presidentes <i>Sunshine</i>	Composição política
<p>Kim Dae Jung Nome da política: <i>Sunshine Policy</i>, <i>Haetbyeot jeongchaek</i> [햇볕 정책] ou Política de Reconciliação e Cooperação para o Norte, <i>Daebuk hwahae hyeomnyeok jeongchaek</i> [대북 화해 협력 정책] – metáfora da fábula de Esopo, o Vento do Norte e o Sol</p>	<p>Visão: a prioridade de reunir diplomaticamente as Coreias.</p> <p>3 Princípios diplomáticos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) A intolerância de conflitos armados, zelando pela manutenção de um regime de paz na Península. 2) O respeito do regime político e da soberania norte-coreana, rejeitando qualquer forma de unificação pela absorção. 3) Reativar o <i>Basic Agreement</i> de 1991, com a finalidade de cooperar a nível diplomático e nacional com o Norte. <p>5 Valores para a unificação e unificação nacional:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Dualismo entre ações de cooperação com o Norte e a conservação do regime de segurança da Coreia do Sul. 2) Modelo de unificação: <i>de facto</i>. 3) Consoante as interações entre as Coreias, contribuir para a mudança gradual de algumas instituições e comportamentos a nível nacional na Coreia do Norte. 4) Alterar a cultura de segurança³⁶ na Península Coreana, conferindo o papel de agente mediador à Coreia do Sul nas negociações para a unificação com o Norte, e a respetiva colaboração com os EUA, China, Rússia, Japão.

³⁶ Também conhecido como cultura de Guerra Fria.

	<p>5) Combater o conflito sul-sul, <i>namnamgaldeung</i> [남남갈등], ou seja, obter o apoio dos opositores políticos na prática da <i>Sunshine Policy</i>.</p> <p>3 Processos para criar o regime de paz na Península Coreana:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) <i>Peace-keeping</i>. 2) <i>Peace-making</i>. 3) <i>Peace-building</i>. <p>Forma final de unificação desejada: Confederação.</p> <p>Resultados: 1.^a cimeira entre os líderes das Coreias, em 2000.</p>
<p>Presidente: Roh Moo Hyun</p> <p>Política de Paz e Prosperidade Comum – aproveitamento de alguns termos do nome oficial da primeira administração <i>Sunhine</i>.</p>	<p>Visão: colocar em prática os projetos económicos entre as Coreias acordados na cimeira de 2000.</p> <p>2 Objetivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Promover um regime de paz na Península. 2) Prosperidade económica entre as Coreias e no Sudeste Asiático. <p>3 Princípios para a unificação e unificação nacional:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Reciprocidade e confiança bilateral. 2) Resolução pacífica dos conflitos entre as Coreias pela via do diálogo. 3) Continuar a combater a divisão partidária e obter maior apoio nacional para a unificação das Coreias. <p>3 Etapas para a unificação:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Resolução pacífica da desnuclearização da Coreia do Norte. 2) Expansão da cooperação económica entre as Coreias.

	<p>3) Declarar um regime de paz na Península, pela assinatura de um acordo de paz entre as Coreias.</p> <p>Resultados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Resort</i> turístico na Montanha Kumgang. • 2003 – 2004: conclusão dos caminhos-de-ferro entre as Coreias, para facilitar o acesso ao <i>resort</i> turístico em Kumgang e à fábrica em Kaesong. • 2004: construção o Complexo Industrial sediado em Kaesong³⁷; 2.^a Cimeira entre as figuras de Estado das Coreias.
<p>Presidente: Moon Jae In</p> <p>A Política de Unificação de Moon Jae In para a Coreia do Norte, <i>Munjaeineui hanbando jeongchaek</i></p> <p>[문재인의 한반도정책] -</p> <p>O nome da política parece ter uma conotação individualista, que deixa gravado o legado do Presidente.</p>	<p>Visão: A prioridade da paz na Península Coreana, + preocupação com o apoio dos nacionais sul-coreanos face à unificação das Coreias.</p> <p>3 Objetivos diplomáticos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Rejeição de conflitos armados ou outro tipo de ações militares entre as Coreias. 2) Prioridade sobre a desnuclearização norte-coreana para o sucesso da coexistência pacífica entre as Coreias. Rejeição do desenvolvimento nuclear na Coreia do Sul. 3) Respeito pela soberania norte-coreana e rejeição do modelo de unificação pela absorção. <p>4 Estratégias para a unificação económica:</p>

³⁷ Este projeto foi apoiado por uma das três grandes empresas sul-coreanas, Hyundai, e na Coreia do Norte foi apoiado pelo *Asia Pacific Peace Committee*. O complexo consistiu numa sede de empresas sul-coreanas que contrataram nacionais de ambos os Estados (Kim, 2017a).

	<p>1) Dupla abordagem: 1.º Desnuclearizar o Norte, com o apoio dos diálogos entre EUA-Coreia do Norte. 2.º Substituir o armistício por um acordo que simbolize a paz permanente na Península.</p> <p>2) Continuar a seguir os acordos anteriores entre as Coreias³⁸.</p> <p>3) Promover o apoio da população sobre a unificação.</p> <p>4) Criar a Comunidade Económica das Coreias: o plano “<i>Three Economic Belts</i>”³⁹ (Ministry of Unification b, s/a).</p> <p>5 Princípios:</p> <p>1) A Coreia do Sul é o agente detentor de iniciativa para a reconciliação, estabelecimento de paz e prosperidade entre as Coreias.</p> <p>2) Equilíbrio entre assegurar a defesa nacional da Coreia do Sul, com o apoio da aliança americana, e a promoção de paz na Península.</p> <p>3) Respeito e reconhecimento na relação com a Coreia do Norte.</p> <p>4) Participação ativa da população sul-coreana no debate sobre a unificação das Coreias.</p> <p>5) Através da cooperação internacional, conseguir o apoio para a unificação das Coreias, a criação da comunidade</p>
--	---

³⁸ Por exemplo, a declaração conjunta entre as Coreias assinada na cimeira de 2000 ou a Declaração de 4 de Outubro assinada na cimeira de 2004 (Ministry of Unification a, s/a).

³⁹ Consiste na ligação pela via-férrea, marítima e aérea na Península Coreana. Este projeto também envolve os Estados fronteiriços.

	<p>económica e a desnuclearização da Coreia do Norte.</p> <p>Resultados até 2018:</p> <ul style="list-style-type: none">• Jogos Olímpicos de Inverno, PyeongChang, em fevereiro.• Participação de atletas norte-coreanos nos Jogos Paralímpicos de Inverno, PyeongChang, em março.• De 29 de março até 3 de abril, a Coreia do Norte acolheu atletas e artistas de k-pop sul-coreanos para a realização de concertos de unificação, com o nome “<i>We are one</i>” (Korea.net, 2018: 5), e demonstrações de taekwondo.• 3.^a Cimeira entre os chefes de Estado das Coreias em abril de 2018, na Coreia do Sul – assinatura da Declaração Panmunjeom. Foi declarado o fim da Guerra das Coreias nesta declaração.• 4.^a Cimeira entre os chefes de Estado das Coreias em maio de 2018.
--	--